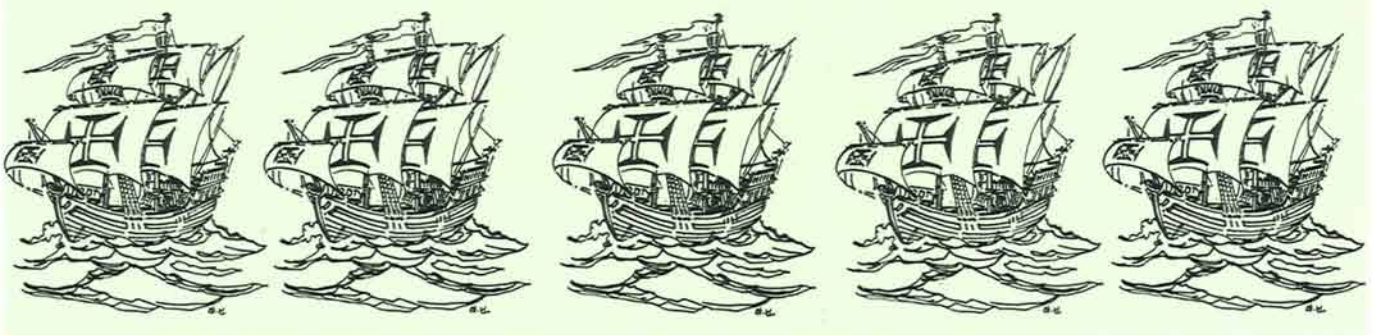
N.º 24 / SETEMBRO 1973 / ANO III

revista da ARMADA

sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
M. do Vale	**Tradição**	4
S. Elpídio	**Perguntas... Com Cocha** **Respostas... Descochadas**	4
S. Elpídio	**Medalha Comemorativa do 1.º Centenário** **do Comandante Silva Júnior**	5
M. Horta	**Efemérides Navais**	6
S. Elpídio	**A Pátria Honrai**	7
O. Lemos	**Bibliografia**	8
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** Henry Moore – *O Mais notável escultor da actualidade*	9
A. Chuquere	**Notícias Pessoais**	13
A. Chuquere	**A Contribuição da Armada para a Exposição da Liga dos Combatentes**	15
J. Fonseca / M. Horta	**Desportos**	16
C. Andrade / S. Elpídio	**Saibam Todos**	17
M. do Vale	**Conversa entre Marinheiros**	18
G. Brandão	**Filatelia**	21
A. Chuquere	**Curiosidades**	22
S. Elpídio	**Reportagem**	23
S. Machado	**Quarto de Folga**	32
J. Garcia	**O Eclipse de 30 de Junho em Cabo Verde**	35



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 24/SETEMBRO DE 1973/ANO III

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima) 26$00

Na capa:

Exercícios aeronavais luso-espanhois. Fragata «Almirante Gago Coutinho»

(Foto de A. Fernandes, fotógrafo do Gab. de Fotog. do E. M. A.)

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

AS NOSSAS MULHERES E O ULTRAMAR

Muito se tem dito e escrito sobre a acção dos militares na defesa e valorização do Ultramar. Absolutamente justo, pois ela tem sido, a todos os títulos, notável.

Porém, que eu saiba, ninguém disse ainda uma palavra sobre a acção, também muito notável, que lá têm exercido as nossas mulheres, o que é uma gritante injustiça.

A «Revista da Armada», à sua maneira simples mas sincera, pretende reparar essa injustiça, prestando homenagem a todas quantas, arrostando perigos e canseiras, acompanham os seus maridos para o Ultramar na convicção de que a sua presença é ali necessária e vantajosa. Têm toda a razão de assim pensar e creio que nem vale a pena gastar tempo para o demonstrar. Já pensaram o que seria o Ultramar sem as nossas mulheres a dar nível e dignidade ao ambiente?

E não é só neste aspecto que a sua acção é relevante. Na Cruz Vermelha, no Movimento Nacional Feminino, nas escolas, nos hospitais e em todas as obras sociais que por lá há, elas ajudam a construir o futuro das terras e gentes de além-mar.

Modestamente, deixam que os homens se «enfeitem» com os louros desse gigantesco trabalho sem reivindicarem o grande quinhão que nele lhes pertence. Para elas basta a satisfação do dever cumprido com a família, com a Pátria e com a Humanidade.

Com.

TRADIÇÃO

De um nosso estimado e assíduo leitor recebemos o esclarecimento que segue, que gostosamente publicamos e muito agradecemos.

«O número 20 da «Revista da Armada», na sua «Nota de Abertura», referiu, a propósito de tradições na Marinha, que a cor e o talhe da farda em uso teriam sido escolhidos por Lady Hamilton. Ao que se sabe, houve, na verdade, uma dama envolvida na escolha, mas não aquela que é indicada. De facto, em 1745, um grupo de oficiais ingleses dirigiu uma petição ao Almirantado no sentido de se estabelecer um uniforme comum. Ao tempo, na Marinha inglesa, cada qual se vestia ao gosto da sua fantasia. Isto ao contrário, como afirmavam os peticionários, do que sucedia na maior parte das marinhas estrangeiras (como seria em Portugal?). Em consequência, foram convidados alguns oficiais para se apresentarem no Almirantado, trajando modelos da sua preferência. Sabe-se que uns apareceram de cinzento com guarnições a vermelho. Mas houve um certo comandante Philips Saumarez que exibiu na altura – e foi o primeiro – um jaquetão azul com guarnições a branco. O problema da escolha foi objecto de larga controvérsia. A decisão final veio do rei – Jorge II – quando viu, no parque real, a duquesa de Bedford, mulher do primeiro lorde do Almirantado, montando a cavalo, em traje azul e branco. A tradição garante que tudo fez parte de uma manobra. O azul e branco já fora escolhido pelo Almirantado e a duquesa prestou-se apenas a convencer o rei com a sugestão viva da sua elegância. Outros, melhor informados, adiantam mais: que Jorge II não seria inteiramente insensível aos encantos da duquesa.

Foi assim que, na Marinha inglesa, foi introduzido pela primeira vez, em 1748, um uniforme – azul e branco –, mas apenas para oficiais. Nesse ano, Lady Hamilton não existia ainda, pois só viria a nascer em 1765.»

Perguntas... Com Cocha

1 – Barbados têm barbas?
2 – Barbantes são cordéis?
3 – Barbas de baleia são respeitáveis?
4 – E barbas de gato, escanhoam-se?
5 – Barbela é queixo gordo?
6 – A barquinha é uma barca pequena?
7 – Barriga é abdómen?
8 – Um bastardo é um filho ilegítimo?
9 – E bastardos, são os que nascem de pais não casados?
10 – Batentes das portas servem para chamar?

Respostas... Descochadas

1 – Os barbados são reforços exteriores à falca das embarcações, à popa e à proa, em ambos os bordos.
2 – Barbantes é termo de calão utilizado para referir o pessoal do convés.
3 – As barbas de baleia são duas vergas – vergas da cevadeira – colocadas transversalmente, por baixo e perpendicularmente ao gurupés, uma por cada bordo, em que antigamente se envergava uma vela e que hoje apenas funcionam como espalha-cabos.
4 – Barbas de gato é o nome dado pelos franceses aos rabos de galo – cirros empenachados; os ingleses utilizam a designação de rabos de égua.
5 – A barbela é um botão redondo, passado a um gato singelo ou de tesoura, a fim de evitar que desengate de onde está dado.
6 – A barquinha é um conjunto com que antigamente se media a velocidade do navio; era constituído pela linha, carretel e batel ou sector.
7 – Chama-se barriga à forma irregular do pano quando mal ferrado; dá-se também igual designação ao bojo do navio ou amassamento.
8 – Bastardo ou vela bastarda é uma vela triangular ou quadrangular que enverga na verga de bastardo.
9 – Bastardos são pequenos cabos com que se atracam as vergas aos mastros.
10 – Os batentes das portas constituíam os lados horizontais das portas das batarias (conjunto das peças) dos antigos navios; os lados verticais chamavam-se cantos das portas.

S. Elpídio
Cap.-frag. AN

Medalha Comemorativa do 1.º Centenário do Comandante Silva Júnior

Celebrando do Dia da Marinha de 1973, mandou o Ministério da Marinha executar uma medalha que comemora o primeiro centenário do nascimento do capitão-de-mar-e-guerra de administração naval Francisco da Silva Júnior, oficial de alto nível profissional e técnico que, com as suas magistrais lições grandemente contribuiu para a formação de várias gerações de oficiais da Armada. Os elementos referentes a esta medalha são os seguintes:

MEMÓRIA DESCRITIVA

Anverso

No campo da medalha, a efígie do oficial, a 3/4 esquerdo. Legenda: COMANDANTE FRANCISCO DA SILVA JÚNIOR, 1873-1961, datas do seu nascimento e morte.

Reverso

No campo da medalha, uma cena do ensino da época medieval, com cátedra – símbolo de actividade pedagógica.
Em plano de fundo, dois navios, um da época actual e outro mais antigo, caracterizando a actividade do oficial.
Em baixo, como remate da composição, os livros de bordo.
Na orla, a leganda: HOMENAGEM DA MARINHA DE GUERRA, 1873 – PORTUGAL – 1973.
Distribuídas pelo campo da medalha, as legendas: ADMINISTRAÇÃO NAVAL, ABASTECIMENTO, ECONOMIA, FINANÇAS.

NOTAS BIOGRÁFICAS

O capitão-de-mar-e-guerra Francisco da Silva Júnior nasceu em 10 de Novembro de 1873 no Montijo e assentou praça na Armada como aspirante de administração naval em 30 de Outubro de 1891; passou ao Quadro da Reserva em 1 de Janeiro de 1938 e ao da Reforma em 15 de Novembro de 1943 tendo falecido em 12 de Março de 1961.
Destacado para a Divisão Naval da África Oriental serviu na canhoneira «Quanza» e passando depois à Índia realizou comissões de embarque nas canhoneiras «Tejo» e «Bengo»; voltando a África para servir na Divisão Naval do Índico, embarcou nas canhoneiras «Zaire» e «Mandovi» e transporte «África».
Anteriormente entrara em operações em terra, nas campanhas de Moçambique, participando da coluna que fez a campanha do Barué e tomando parte no combate de Missongue.
Mais tarde desempenhou numerosas comissões em terra: no Corpo de Marinheiros, Direcção-Geral da Marinha e Majoria General da Armada;

chefe de uma secção da Repartição de Fiscalização, secretário do Conselho Técnico Naval e vogal da Comissão Técnica de Administração Naval, transitou em 1925 para a Escola Naval onde se conservou no exercício de funções docentes até 1937, data em que, a seu pedido, foi exonerado do cargo de professor do 12.º grupo de cadeiras. Espírito brilhante, possuidor de forte carácter e sólida cultura, marcou na sua classe destacada posição, caracterizada por competência profissional, brio e dignidade que, propagando-se por toda a Corporação se veio a reflectir no exterior, impondo a sua personalidade ao conceito e admiração gerais. Várias gerações de oficiais foram preparadas tendo como substrato escolar o profundo saber do comandante Silva Júnior e como modelo o prestígio e elegância moral da sua figura. Remodelando processos antiquados de administração, codificando e revendo legislação ou elaborando diplomas fundamentais, o comandante Silva Júnior foi, a par da sua actividade didáctica, um técnico profissional distinto que dotou a Corporação com diplomas, normas e outra doutrina de alto nível que ainda hoje se encontra na base da legislação em vigor. Escolhido para administrar a Companhia Nacional de Navegação numa fase particularmente difícil desta Empresa, houve-se de maneira sensata e conhecedora, de molde a deixar solucionado o problema financeiro em que a companhia se debatia.

Em 1951 publicou «Génese e Evolução do Património Naval», obra notável que pode ser considerada como o prolongamento das suas lições e que, como tal, nos mostra como se deve actuar em prol da Marinha, do engrandecimento das suas virtudes e do papel marcante que a mesma tem na nossa história.

O capitão-de-mar-e-guerra Silva Júnior era condecorado com as medalhas da Rainha D. Amélia comemorativas da expedição a Moçambique, medalhas militares de ouro e prata de comportamento exemplar e os graus de comendador das ordens militares de Cristo e de Aviz, sendo também grande oficial desta última.

S. Elpídio
Cap.-frag. AN

N. R. – Esta medalha está à venda na secretaria da 5.ª Repartição da D. S. P. («Bem-Estar»), ao preço de 150$00, e só pode ser adquirida por militares da Armada e funcionários civis do Ministério da Marinha (uma a cada interessado):
Naquela Repartição encontram-se também à venda, nas mesmas condições, medalhas comemorativas da Passagem do Estreito de Magalhães, do I Centenário do Comandante Fontoura da Costa, do I Centenário do Almirante Pereira da Silva e do I Centenário do Almirante Silva Nogueira, as quais podem ser adquiridas individualmente.

EFEMÉRIDES NAVAIS RELATIVAS AO MÊS DE SETEMBRO

Em 7 de Setembro de 1872, nasce em Luanda Jaime Aurélio Wills de Araújo, que foi figura de relevo na Armada portuguesa, onde atingiu o posto de vice-almirante. «Ao longo de 50 anos de carreira naval activa, os seus serviços foram, nos numerosos cargos que lhe coube desempenhar, sempre postos em destaque, com dignificante regularidade, pelo zelo, dedicação e competência que atestavam». Escritor e cientista notável, publicou diversos trabalhos sobre hidrografia, astronomia e sismologia. Em reconhecimento dos seus méritos científicos foi eleito sócio, em 1916, da Academia de Ciências de Lisboa. Prestou colaboração nos Anais do Clube Militar Naval e na «Revista Militar».

Em 22 de Setembro de 1900, entra festivamente no Tejo o cruzador «S. Gabriel», que acabara de ser construído no Havre, em França. Deslocava 1838 toneladas; tinha como velocidade máxima 15 nós; era armado com duas peças de 150, duas de 120, oito de 47, duas de 37 e um tubo lança-torpedos, à popa.

M. Horta
Sarg.-aj. L

ASSINANTES

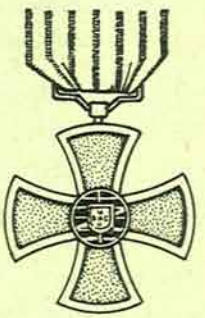
Com a saída do presente número, terminam as assinaturas dos números 13 a 24 da nossa Revista. Serão mantidas as assinaturas que não forem canceladas pelos próprios. Os respectivos recibos, que serão enviados oportunamente, poderão ser liquidados pela forma habitual.

a Pátria honrai

Qualidades militares, grande destemor, coragem, sangue frio e serena energia debaixo de fogo são virtudes de que é possuidor em elevado grau o marinheiro fuzileiro especial n.º 489/66, DOMINGOS DO NASCIMENTO MENDES, e que o tornaram justamente merecedor da medalha da Cruz de Guerra de 4.ª classe que lhe foi atribuída.

Desempenhando durante a comissão da sua unidade em Moçambique, em zona de campanha, as funções de apontador de metralhadora ligeira e de condutor no serviço de botes e motores, revelou-se militar muito disciplinado e cumpridor, com vontade de bem servir.

Quer em operações no mato, quer em patrulhas fluviais, onde sofreu emboscadas, o marinheiro MENDES sempre deu o seu contributo em destemor e entusiasmo para alguns dos assinaláveis êxitos alcançados. Numa das patrulhas no rio e a escassa distância da margem, elevado grupo de inimigos armou uma emboscada que de pronto feriu um seu camarada e inutilizou o bote; com grande coragem o marinheiro MENDES manobrou rapidamente de modo a colocar-se em posição favorável a flagelar o inimigo que bateu em retirada evitando deste modo consequências muito graves.



N.R. – *O marinheiro fuzileiro especial MENDES é natural de Malhadas, concelho de Miranda do Douro, distrito de Bragança.*

bibliografia

PAISAGENS DO MEU DISTRITO
(prosa), por Virgílio Afonso

Quem tenha interesse em conhecer alguns elementos e temas regionais da Guarda, encontra neste livro de Virgílio Afonso matéria para agradável leitura. O autor não tem pretensões literárias e estilísticas mas a forma de descrever e contar é suficientemente cativante para nos interessar.

CABORA-BASSA
por Rodrigues Júnior

Em edição da PAX oferece-nos o jornalista Rodrigues Júnior uma boa história, com documentação fotográfica abundante, da construção da barragem de Cabora-Bassa.

O TEMPO NAS PALAVRAS
(crónicas), por Alçada Baptista

A Moraes Editores lançou este livro de Alçada Baptista que, em conversa quase íntima com o leitor, nos diz da sua nostalgia, do seu desencanto perante o mundo e a vida. É um falar de si próprio, quase saudosismo, mas com um humor e uma leveza que verdadeiramente nos seduzem. Leitura para uma bela tarde!

ALENTEJO DESENCANTADO
por Mário Ventura

Eis aqui, nesta edição Bertrand, uma obra sobre o Alentejo, sem mistificação nem falsas tintas. Não lhe falta poesia, é certo, alguma até bem dolorosa – enternecedoramente dolorosa – completada com belíssimas fotografias de uma terra sáfara mas com inegável magestade que a sensibilidade de Augusto Cabrita conseguiu reter.

SOLO PARA GRAVADOR
(contos), por Isabel da Nóbrega

Este novo livro de Isabel da Nóbrega reúne alguns contos de que o primeiro – «Solo para Gravador» – dá o nome ao livro. Ao longo de toda a obra, a autora fala como se conversasse consigo mesma, mas adivinha-se o desejo persistente de comunicação, de abertura aos outros, algo que se destina a permanecer. A mulher e a criança são focos convergentes do seu pensamento e sentem-se os reflexos da luta que travou (e trava) por uma emancipação e independência da Mulher. De todos os contos «Palavra» é talvez o melhor; é uma bela jóia literária. Todo o livro nos convida a determo-nos e a participarmos com a autora na construção de qualquer coisa de melhor nas relações humanas.

DIÁRIO XI
por Miguel Torga

Apareceu há pouco o 11.º volume da obra a que Miguel Torga chamou o seu «Diário». É uma espécie de confissão desassombrada, por vezes autocrítica, que nos conduz, pela sinceridade, a uma admiração incondicional do homem que é Miguel Torga. A sua figura emerge de uma espécie de isolamento criado à sua volta para se apresentar mais nítida, numa verdade que muitas vezes chegou a ser interpretada ao contrário.

DINOSSAURO EXCELENTÍSSIMO
por José Cardoso Pires

Tanto se disse deste livro e tal êxito veio a ter, inclusive na Feira do Livro, que mister era folheá-lo. Dele se pode dizer que é de facto um livro extraordinário pela originalidade. Experimentem lê-lo porque vale a pena.

MULHER MACUMBA
por Miguel Barbosa

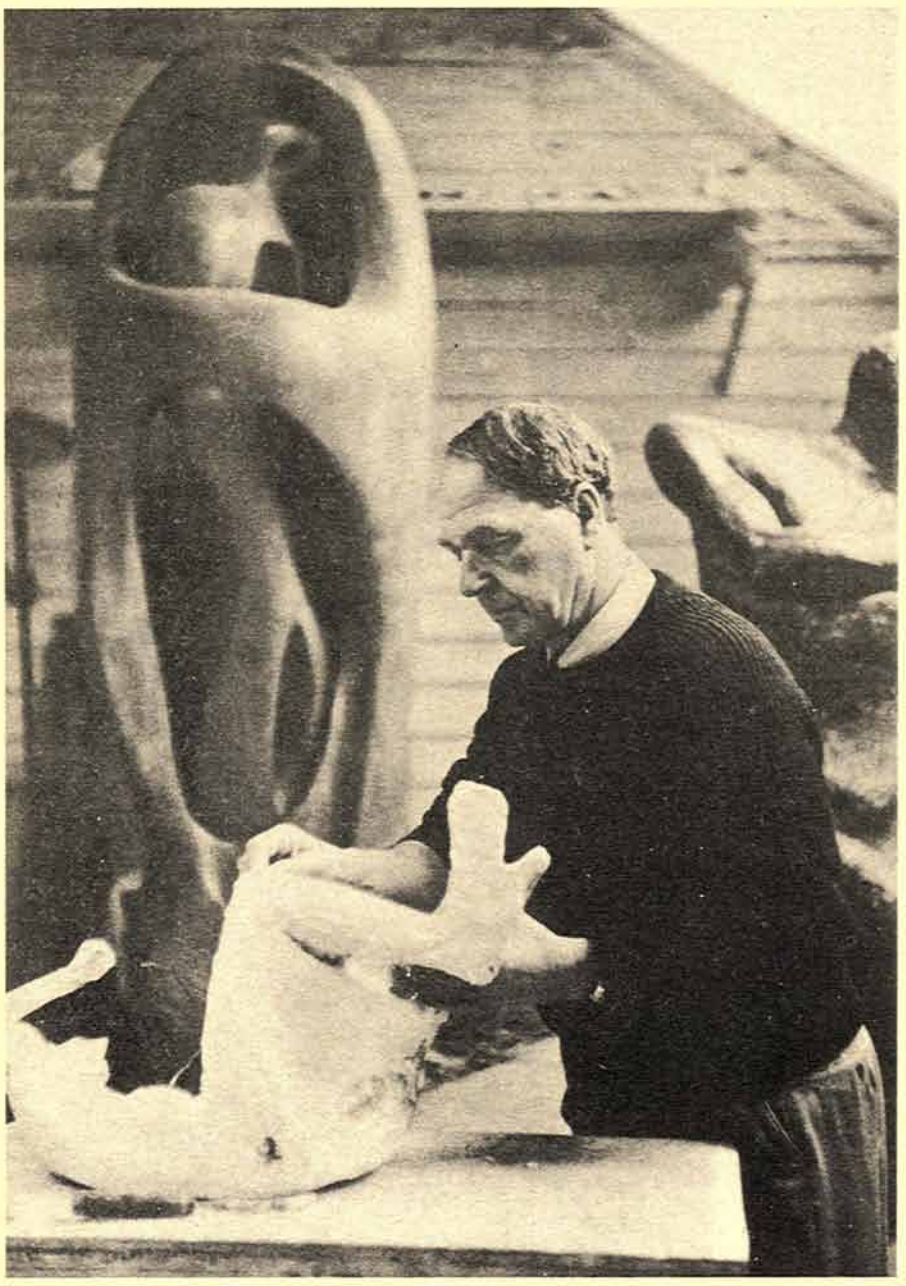
A Editorial Futura publicou mais um livro de Miguel Barbosa, «Mulher Macumba», contos e novelas de temática ultramarina a que ulteriormente faremos oportuno comentário.

OS ROSTOS DE JANO
(contos), por Maria Ondina Braga

Neste livro, como em outros anteriores, Maria Ondina Braga cria personagens como quem forma destinos. E a verdade dessas personagens impõe-se de tal maneira que elas nos parecem vivas e simultaneamente transparentes, mostrando os seus mais íntimos sentimentos. Movem-se num mundo muito seu, evidenciando grandeza na sua insignificância. Delas, os homens pouco sabem. Ainda bem que Maria Ondina Braga no-lo mostra.

O. Lemos
Cap.-frag.

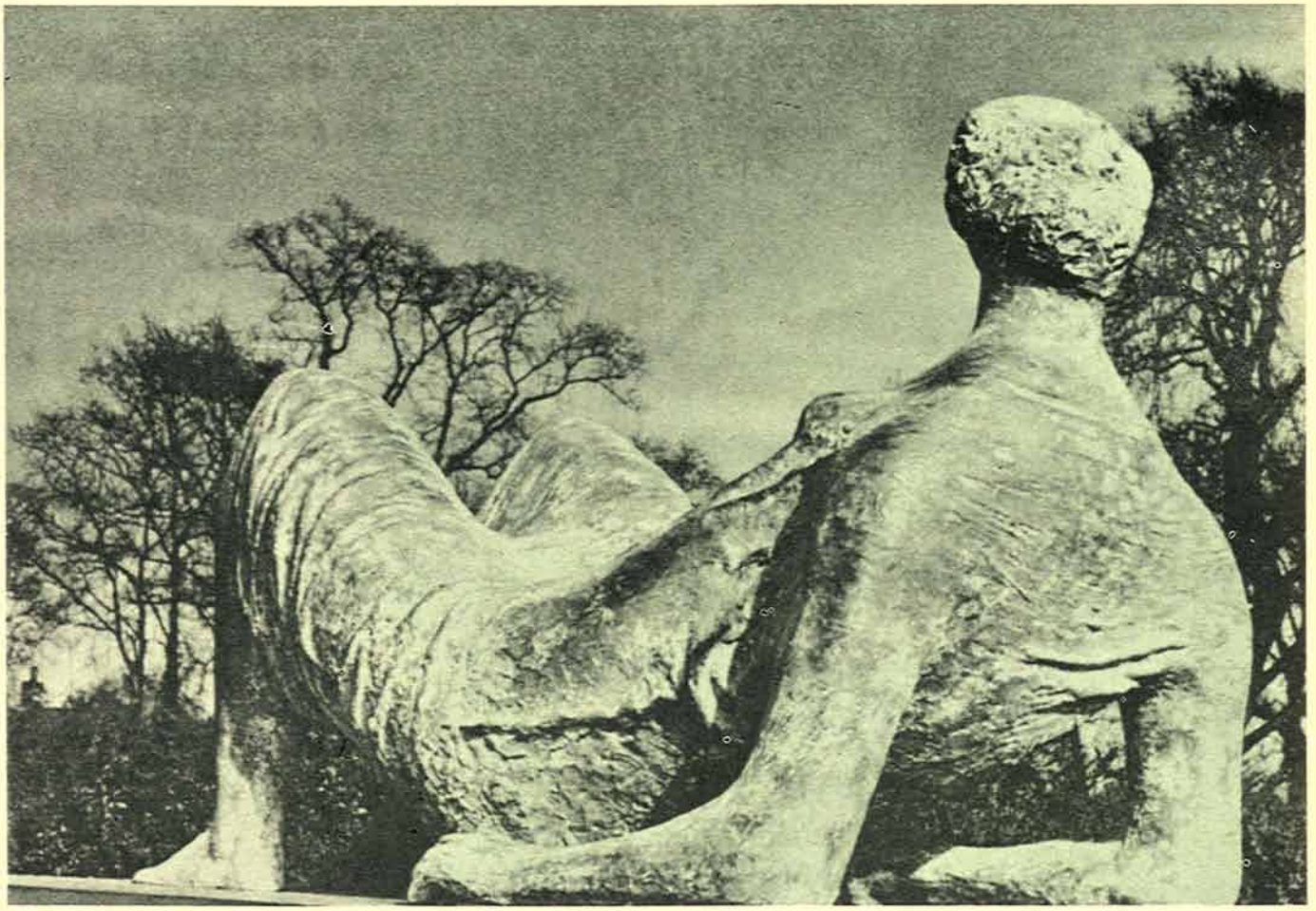
HENRY MOORE
o mais notável escultor da actualidade



Henry Moore é hoje o artista inglês mais célebre no Mundo. É mesmo o escultor vivo de maior projecção universal. Trabalha em Perry Green cerca de 30 milhas ao norte de Londres numa casa estúdio, debaixo de tecto ou ao ar livre por detrás de sebes donde se vêem emergir, de tempos a tempos, esculturas de dimensões colossais. Às vezes, trabalha nelas pela noite fora à luz forte de projectores. Tem encomendas de todo o mundo que só atende quando adequadas ao seu estilo e não prejudiquem os seus planos pessoais de criação artística e os seus estudos.

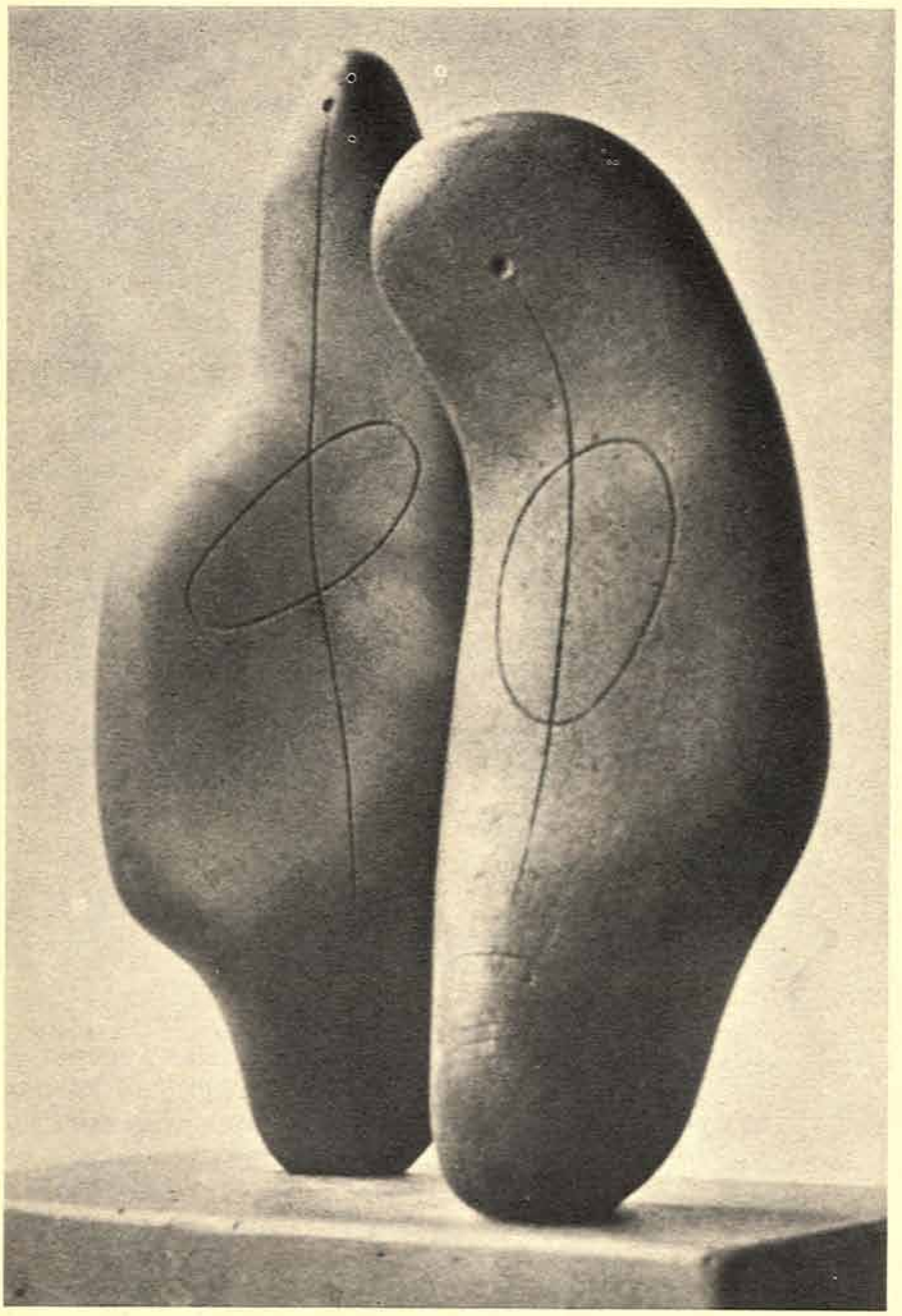
Henry Moore, nascido em 30 de Julho de 1898 em Castleford, Yorkshire, no ambiente industrial e poluído das minas de carvão, é um escultor moderno e por assim dizer um caso raro e assombroso no panorama descolorido da escultura inglesa. A sua carreira iniciou-se depois da guerra de 1914-1918 na qual participou e onde sofreu os efeitos dos gases. Evacuado, a recuperação foi lenta mas firme. As primeiras obras reflectem o estudo e análise que fez das esculturas primitivas pré-históricas e das mexicanas do período pré-Colombiano. Por volta

Henry Moore trabalhando no seu estúdio. Ao fundo a escultura em madeira «Formas interna e externa»



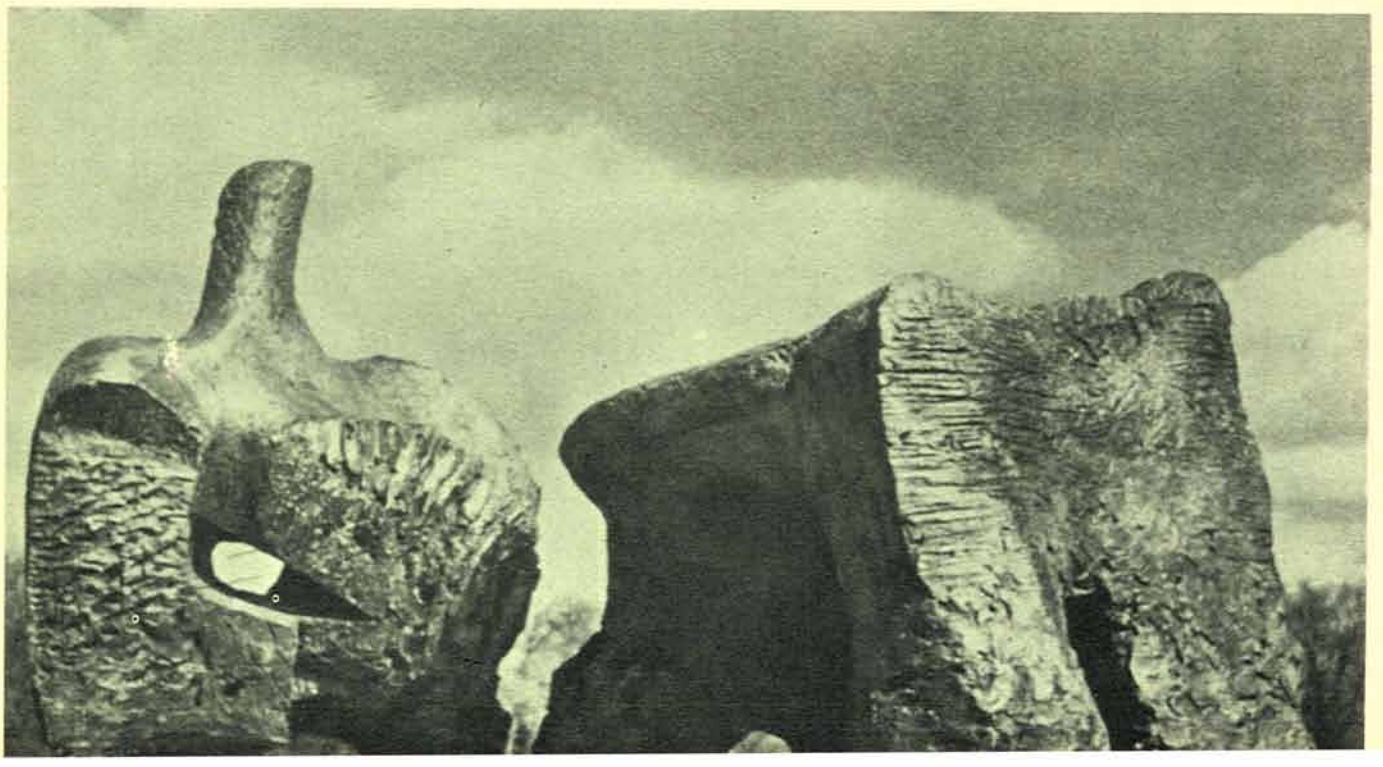
«Figura reclinada». Bronze 1952-1953.

de 1930 os temas predilectos são as «figuras reclinadas» e a «mãe com o filho». São ainda trabalhos de cunho acentuadamente figurativo em que todo o pormenor ou aspecto particular é posto de parte para dar lugar apenas a formas e volumes. Daí o aspecto monolítico e de pesada monumentalidade de algumas das suas esculturas. A partir de 1930 começou a trabalhar numa maior liberdade de concepção. Os desenhos que fez, durante a última grande guerra, das estações do metropolitano de Londres pejadas de gente em busca de abrigo enquanto os aviões inimigos semeavam a destruição pela cidade, valeram-lhe a simpatia do povo britânico que o não conhecia ou o não apreciava. A sua fama mundial estabeleceu-se definitivamente depois da guerra. O traço marcante das suas melhores obras é o sentido da majestade. Moore gosta de conceber esculturas para figurarem ao ar livre, dominando extensas planícies desoladas ou impondo-se sobranceiras do alto dos penhascos como se a paisagem reclamasse a presença de divindades tutelares. E é fora de dúvida que nos sentimos subjugados pela contemplação dessas esculturas como a «Figura de pé» nos plainos de Hertfordshire. Há nessa escultura um sentido de presença eterna, de perenidade humana que há-de ficar para lá de todas as tempestades, de todas as convulsões e da impotência do assalto dos elementos, qualquer que seja a sua fúria. E o viajante que, ao dobrar uma curva, depara com esse espectaculo insólito, há-de certamente quedar-se, petrificado de espanto. Moore afirma que uma obra tem de ter primeiro que tudo uma vitalidade própria – não aquela vitalidade inerente à vida, ao movimento ou actividade física, como na dança, mas sim uma intensa vida imanente, independente do objecto que representa. Foi talvez essa procura da força e energia interiores que levou Moore a preocupar-se tanto com a perfuração e abertura das massas esculturais. É ele que diz: «o primeiro buraco que se faz numa pedra é uma revelação. Um buraco pode ter, no que respeita à forma, tanto significado como uma massa sólida. É portanto possível esculpir no ar quando a pedra contenha apenas o buraco que passa a ser a única forma que se pretende e considera». A escultura passa assim a usufruir de atributos espaciais que eram tradicionalmente característicos da arquitectura. Enquanto que na arquitectura e na escultura construtivista tais atributos eram explorados num sentido de construção, em Moore são explorados num sentido orgânico. Toda a penetração de uma massa sólida nos dá mais consciência da sua tridimensionalidade. As formas interiores, por outro lado, são

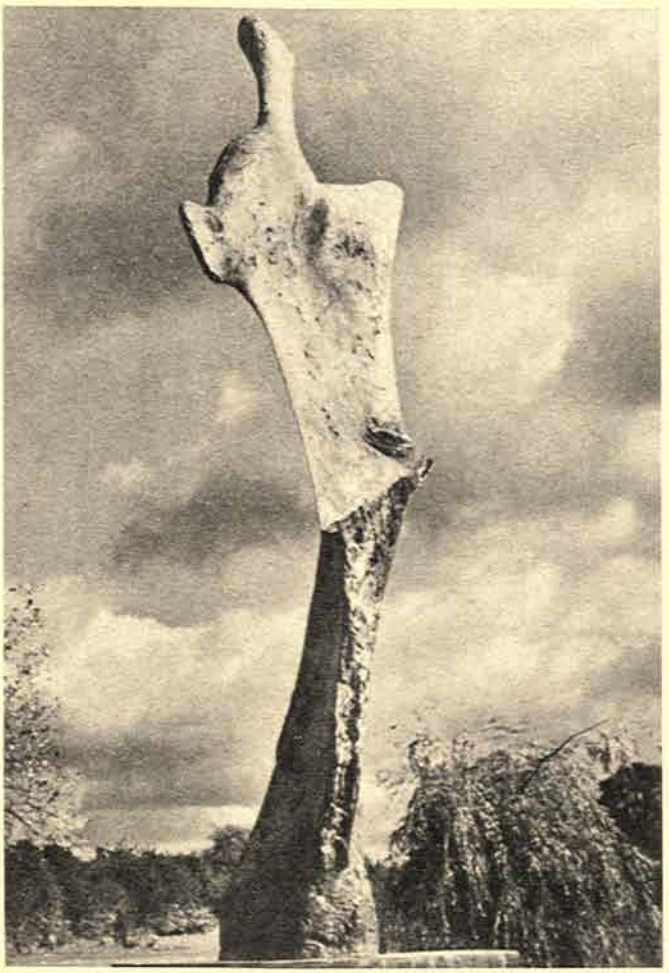


«Duas formas». Minério de ferro 1934.

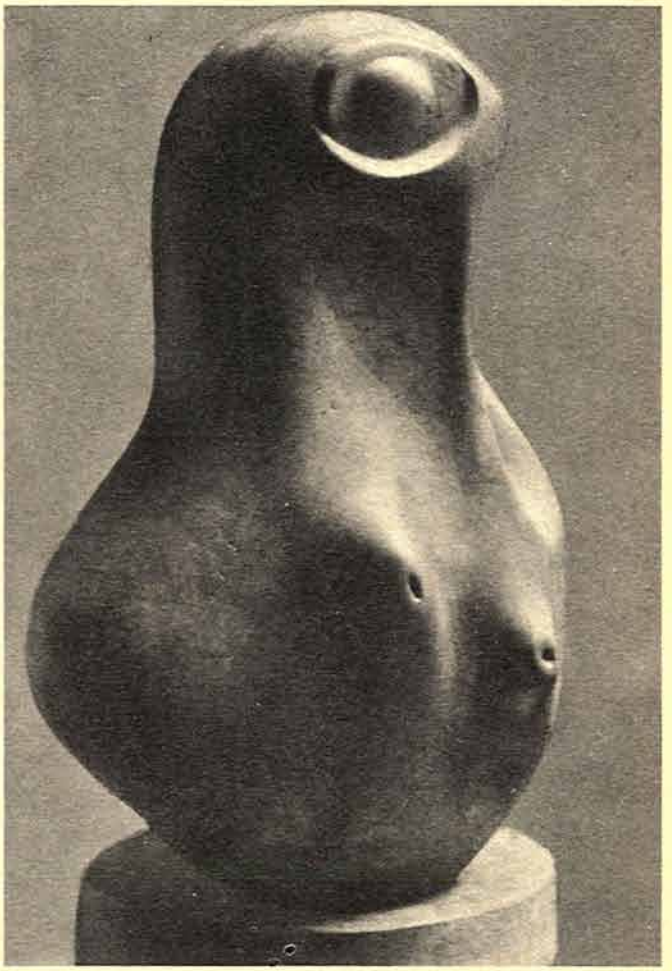
aquelas que mais nos tocam intimamente, que mais despertam e aliciam o nosso psiquismo.
Não raro as esculturas de Moore combinam as formas-massa com as formas-vazio umas e outras completando-se e exigindo-se mutuamente numa necessidade obrigatória de equilíbrio. Nas suas formas mais arrojadas, toda a ligação com o real não é mais que uma sugestão ou equivalência de volumes e formas. É então que a sua arte se torna mais difícil de estudar. Apesar de tudo, a figura humana sempre o cativou e o estudo que fez das obras da Renascença deixou-o profundamente marcado e numa grande ansiedade. Impressionado com a infinita humanidade de algumas esculturas renascentistas, interrogava-se sobre a forma de conciliar essa profunda humanidade com as exigências de uma linguagem moderna. E surgem obras quase consoladoras como «A Virgem e o Menino» para a igreja de Northampton e a série das «Famílias». Ainda de natureza figurativa são as suas características «figuras reclinadas» que tanto o celebriza-



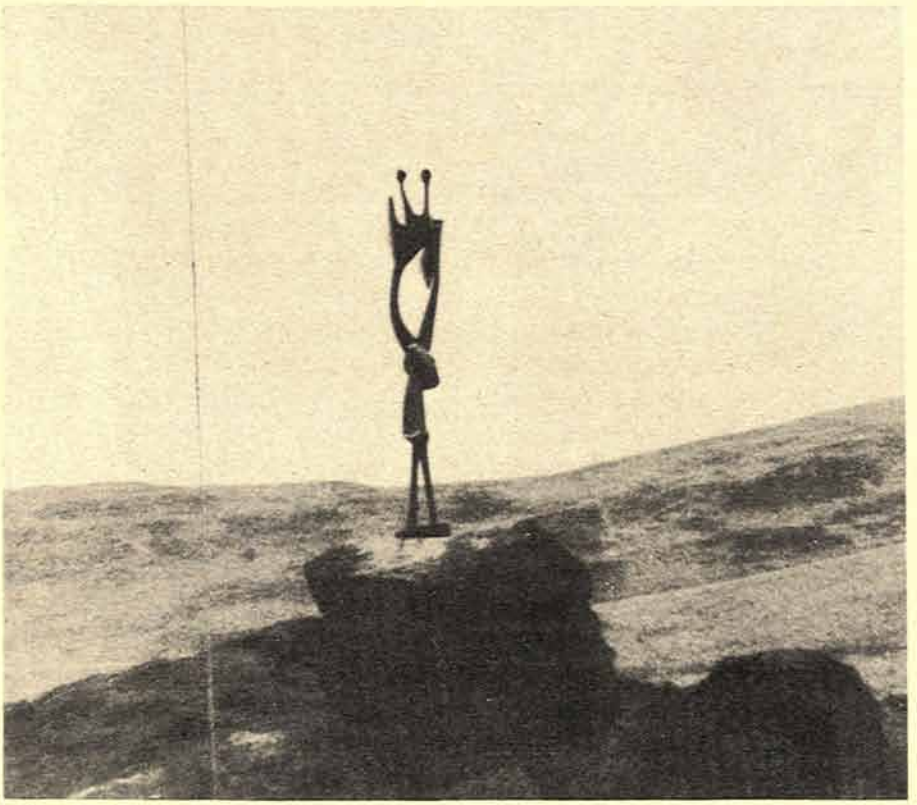
«Figura deitada em duas partes n.º2». Bronze 1960.



«Figura de pé». Bronze 1961.



«Composição». Betão esculpido 1933.



«Figura de pé».

ossos, árvores, plantas, etc. Os seixos e as rochas são exemplos da maneira como a natureza trabalha a pedra. A suavidade e simetria daqueles contrasta com o ritmo nervoso e o acabamento grosseiro, golpeado e rude destas. Talvez por se interessar tanto por estes objectos naturais tenha Henry Moore a capacidade pouco vulgar de ser grande artista quer quando concebe obras do tamanho de «bibelots» quer quando as cria monumentais. Ao contemplarmos a escultura a que chamou «Duas formas», com a altura de 18 centímetros, trabalhada em minério de ferro, não podemos deixar de as relacionar com o seu hábito de estudar esses seixos polidos pelo rolo do mar. Mas, ao serem colocados lado a lado e gravados com esses dois desenhos irmãos, adquirem uma humanidade profunda, como «criaturas» inseparáveis, velando uma pela outra e receosas duma separação que as destruiria. Da mesma

ram. Mas a imaginação de Moore encontra sugestões de forma e ritmo num sem número de objectos naturais como seixos, rochas,

forma, quando observamos «Figura deitada, em duas partes», facilmente nos apercebemos de que há nessa obra sugestões de forma e cinzelado que nos lembram o trabalho do mar nas rochas e falésias.

Os ossos, diz Moore, têm uma maravilhosa força estrutural, uma forma em tensão permanente com transições subtis de um modelado para outro e enorme variedade de secções. Na realidade, tudo isto vem ao nosso subconsciente quando olhamos, por exemplo, essa escultura monumental «Figuras de pé» em que Moore atinge, na sumptuosidade do bronze, uma eloquência de orador.

O artista trabalha, indiferentemente qualquer material e quer a madeira quer o betão armado lhe são tão familiares quanto a pedra ou o bronze. Dois magníficos exemplos são essa bela escultura a que chamou «Composição» esculpida em betão e «Formas interna e externa» executado em madeira de olmo.

Para se entender a obra de Henry Moore há que ter em mente que «as suas figuras mais típicas nem são seres humanos tornados pedra nem exercícios de forma abstracta, mas sim realidades novas – «personagens-objecto», fora do plano dos fenómenos naturais».

O. Lemos
Cap.-frag.

notícias pessoais

CASAMENTOS

Sarg-aj. FZM José Luís Pereira casou, em 17-6-73, com D. Lídia Nunes Quaresma.

1.º-sarg. Aux. RA José Dias Ferreira casou, em 12-7-73, com D. Elisa Carolina de Macedo.

1.º-sarg. ACM Manuel de Bastos Henriques casou, em 9-6-73, com D. Maria Teresa Dias do Amaral.

1.º-sarg. H José Marcolino Pinto Francisco casou, em 17-6-73, com D. Leonor Patrocínio dos Santos.

2.º-sarg. ARE Jorge de Freitas Delgado casou, em 16-6-73, com D. Virgolina Cardoso Lourenço.

1016/C. A Manuel Canosa Flores, casou em 6-5-73, com D. Maria da Conceição Ventura.

576/67/C. L Hernâni Ferreira da Silva casou, em 6-5-73, com D. Maria dos Anjos Duarte Pedro.

6/67/Mar. CM João Luís da Costa Coelho casou, em 15-5-73, com D. Delfina de Jesus Miguel da Costa.

61/68/Mar. FZE Francisco Dias Correia Mateus casou, em 6-6-73, com D. Alice dos Santos Vitorino.

1922/69/Mar. T José Maria dos Santos Pincho casou, em 5-4-73, com D. Ilda Maria Glória.

2598/70/1.º gr. FZ Carlos Assis Coelho Pereira casou, em 20-5-73, com D. Maria Lucília Figueiredo da Silva.

591/72/2.º gr. A Jaime Florentino Freitas Cardoso casou, em 28-4-73, com D. Maria do Rosário Antunes Alves Cruz.

APOSENTAÇÕES

Foram aposentados em 31-7-73:

Filipe Manuel Ferreira, copeiro do Q. P. C. M. M.

Vítor Récio Duarte, servente especializado do Q. P. C. M. M.

PASSAGENS À RESERVA

C. alm. João Arantes e Oliveira passou à Reserva Aa em 1-5-73.

Com. AN Domingos Diogo Afonso passou à Reserva Aa em 16-7-73.

Cap.-m.-g. Manuel Falcão Alves Dinis passou à Reserva Aa em 18-6-73.

Cap.-m.-g. António Rodrigo Salema e Santos passou à Reserva Aa em 18-6-73.

Cap.-ten. AN João Correia Vila Nogueira de Brito passou à Reserva Aa em 8-6-73.

1.º-ten. SG Manuel Mota Ferreira passou à Reserva Aa em 25-5-73.

1.º-sarg. AEA José João Caço Verdelho passou à Reserva Ab em 20-7-73.

2786/C. TFD Amadeu Ferreira da Costa passou à Reserva Aa em 3-7-73.

FALECIMENTOS

Cap.-m.-g. RF Gabriel Maurício Teixeira faleceu em 24-7-73.

Cap.-m.-g. EMQ RF Ernesto José da Costa faleceu em 25-7-73.

1.º-ten. SG RF Joaquim Pires Soares faleceu em 25-5-73.

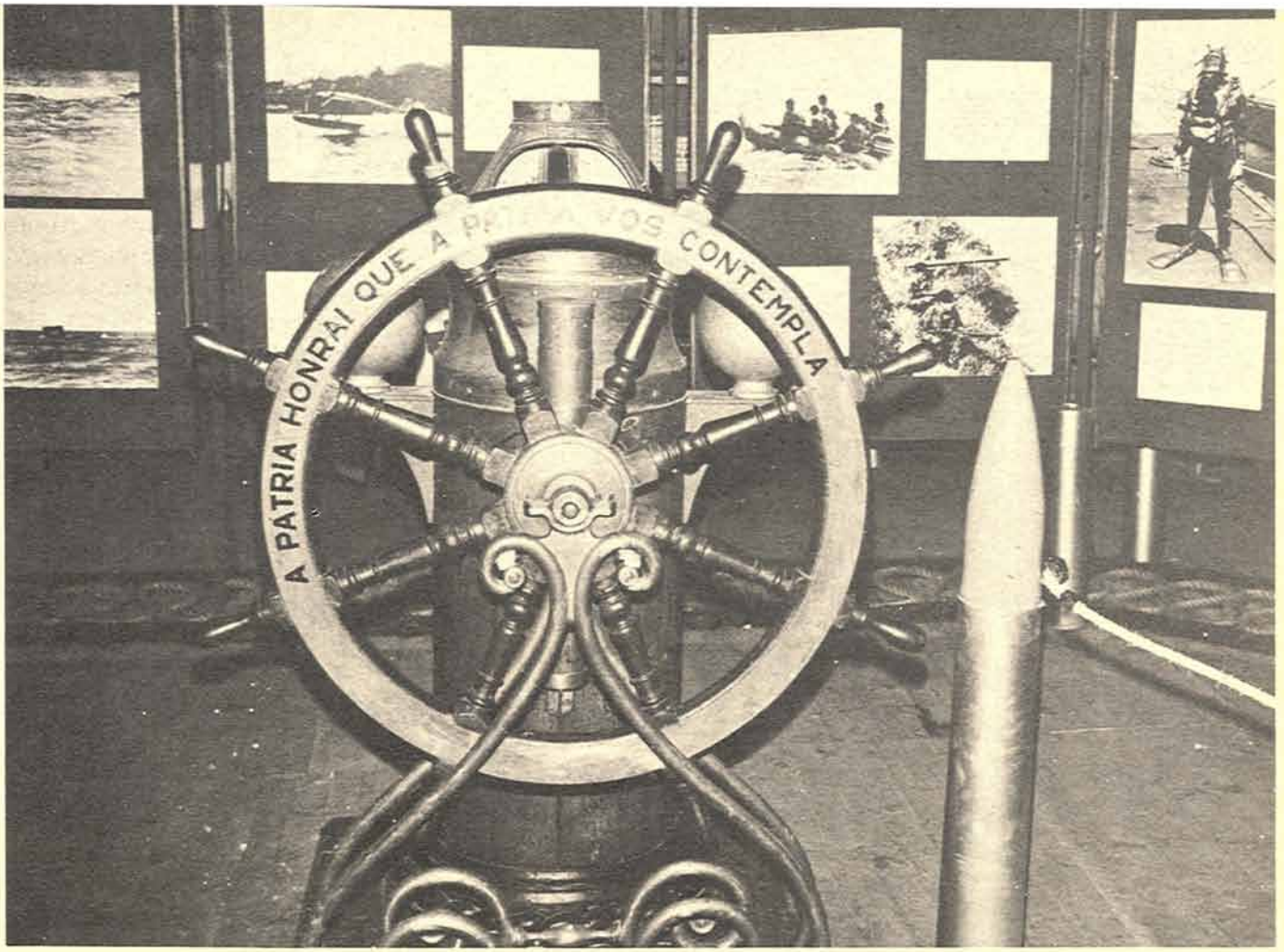
1.º-sarg. B RF Virgílio Joaquim de Sousa Viegas faleceu em 23-6-73.

2.º-sarg. CM Joaquim Ribeiro faleceu em 6-7-73.

2690/69/Mar. FZE Caetano Ferreira Andrade faleceu em 9-7-73.

1541/71/1.º-gr. A Manuel Cardoso Ribeiro faleceu em 20-6-73.

Manuel da Silva Azinheiro Pereira, cabo-de-mar de 2.ª classe do Q. P. C. M. M., faleceu em 30-6-73.



A Contribuição da Armada para a Exposição da Liga dos Combatentes

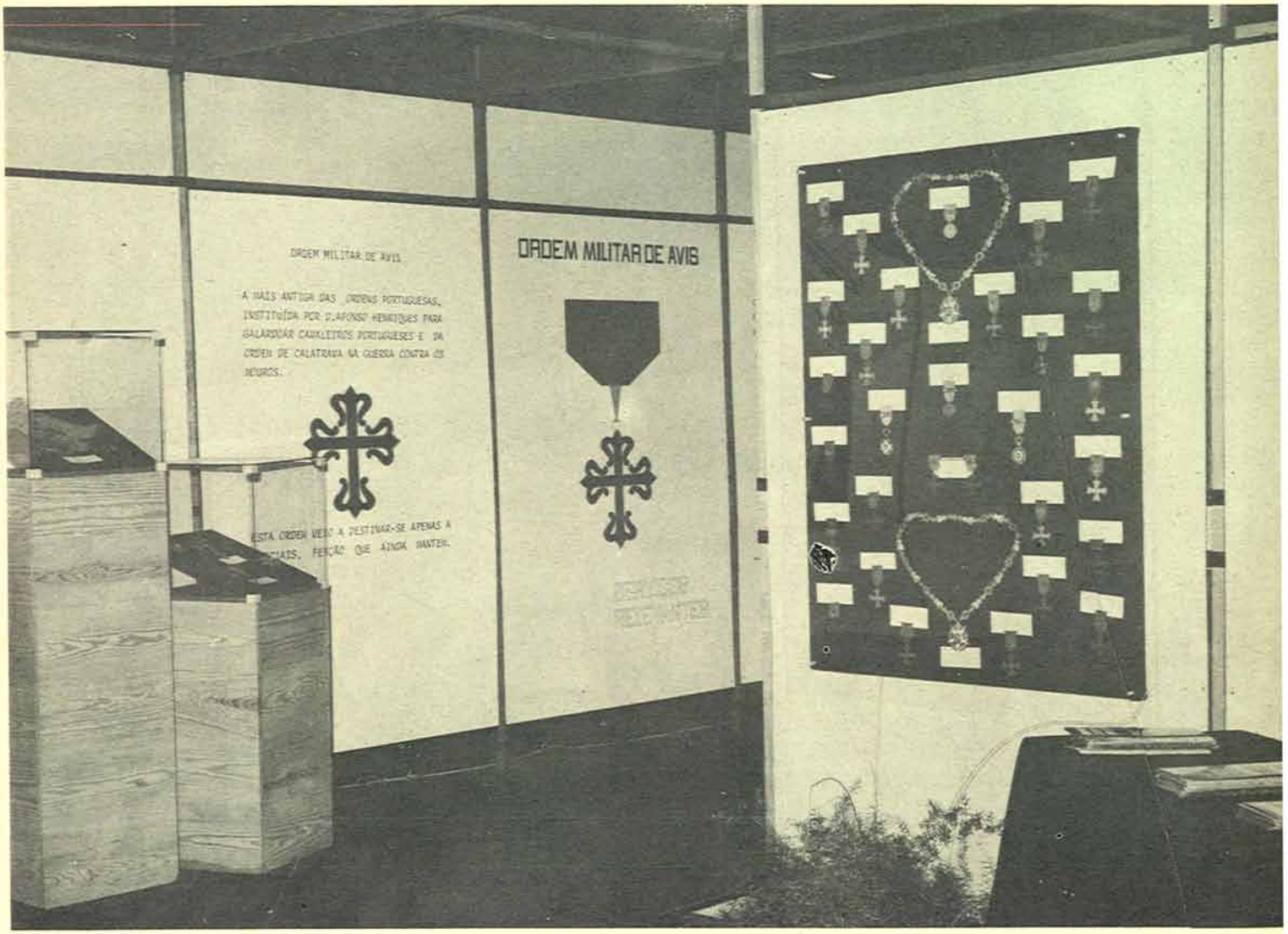
Integrada no programa das comemorações do cinquentenário da Liga dos Combatentes, esteve patente ao público de Lisboa, no Pavilhão dos Desportos, no passado mês de Julho, uma exposição subordinada ao tema «50 Anos da Liga dos Combatentes – 50 Anos de Actividade Militar».

Organizada pela própria Liga, sob o alto patrocínio do ministro da Defesa e igualmente tendo merecido todo o apoio dos ministro do Exército, ministro da Marinha e secretário de Estado da Aeronáutica, bem como de altas entidades dos três ramos das Forças Armadas, para a realização de tal empreendimento necessário foi a estreita colaboração entre os vários serviços e unidades militares nela envolvidos, por forma a que dessa união e perfeito entendimento surgisse a realização estética que a exposição em si apresentou.

Assim, porque o futuro visitante deveria ser conduzido a acompanhar o raciocínio que importava apresentar-lhe ao longo de todo o percurso, foi resolvido pela Comissão Coordenadora (da qual faziam parte, além de outros, delegados de cada um dos três Estados-Maiores das Forças Armadas) planificar o guião geral da exposição dividindo-o em várias secções (num total de onze, estas por sua vez subdivididas em subsecções), cada uma das quais compreenderia um tema baseado na ideia-força que representava.

A Armada deu a sua colaboração para cinco subsecções e planificou, organizou e montou inteiramente uma secção.

A nível de subsecção, importante foi a nossa colaboração na «Evolução dos Meios de Combate», onde se pretendia, à base do material exposto, representar o que foi a evolução do próprio material técnico através dos 50 anos antecedentes. Na estruturação, organização e montagem desta subsecção, sem dúvida a mais trabalhosa para nós, estiveram envolvidas a Direcção do Serviço de Armas Navais (que tomou o encargo de todo o arranjo e de toda a coordenação), a Direcção do Serviço de Electricidade e Comunicações, a Direcção de Construções Navais, o Comando Naval do Continente, a Esquadrilha de Submarinos e outras entidades, nomeadamente o Museu de Marinha e a Escola de Fuzileiros.



Igualmente importante foi a colaboração prestada na realização da subsecção subordinada ao tema «Evolução do Apoio em Serviço», cuja finalidade era mostrar a evolução havida em todos os aspectos relacionados com a alimentação, saúde e farmácia, e que envolveu a contribuição da Direcção do Serviço de Abastecimento (encarregue de todo o arranjo e da coordenação) e do Hospital da Marinha, incluindo os serviços de Farmácia.

Na subsecção «Evolução do Fardamento», cuja finalidade foi mostrar a evolução dos uniformes e equipamentos de acordo com as exigências dos tempos, foi pedida a colaboração da Fábrica Nacional de Cordoaria, que inteiramente executou e montou o material exposto.

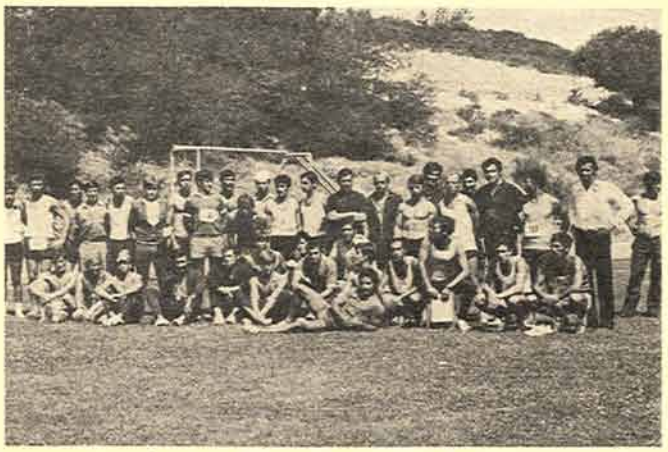
A Marinha ainda prestou a sua colaboração na organização da subsecção da «Exposição de Guiões e Troféus», bem como na subsecção intitulada «Homenagem aos Combatentes», a primeira por intermédio da Escola de Fuzileiros e esta última mediante elementos fornecidos pela Direcção do Serviço do Pessoal.

No salão nobre do primeiro andar do Pavilhão dos Desportos, funcionou a secção da «Exposição de Condecorações», cujo planeamento bem como organização e montagem estiveram a cargo do Estado-Maior da Armada, apoiado pelo Museu de Marinha e corroborado por outros camaradas que na sua realização prestaram valioso trabalho. Nesta secção, estiveram patentes, quer sob a forma de painéis desenhados a cores quer por intrmédio de elementos naturais, todas as ordens militares e medalhas militares, no seu historial e descrição, bem como condecorações cedidas por combatentes, além de estandartes e bandeiras mais condecoradas dos três ramos das Forças Armadas.

Em síntese, a colaboração geral da Armada foi muito valiosa, apresentada por forma inteligente e cativante, mas ao visitante menos avisado escapou certamente aperceber-se quanto esforço, dedicação e vontade de bem cumprir esteve por detrás de tudo, tendo em conta principalmente o pouco tempo de que se dispôs e a diversidade de assuntos que lá foram abordados.

A. Chuquere
Cap.-frag.

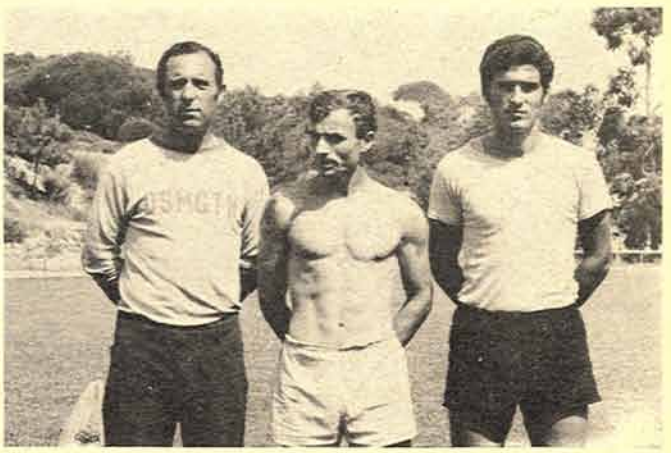
(Fotos de M. Horta, sarg.-aj. L)



A equipa do C. E. F. A., o grande vencedor colectivamente

A equipa da Escola de Fuzileiros – 2.º classificado

Os componentes da equipa do G. 2 E. A. – 3.º classificado



A reduzida equipa das Armas Navais, que marcou presença simpática – 4.º classificado

A formação da estafeta 4 x 400 do C. E. F. A., vencedora desta prova. Da esquerda para a direita: 2.º-gr. Guerreiro, mar. Silva, mar. Gato e 2.º-gr. Silva

Mar. Silva, do G. 2 E. A., vencedor do lançamento do martelo

Campeonato de Atletismo da Armada/1973

CAMPEONATO DE ATLETISMO DA ARMADA DE 1973

Nos dias 26 e 27 de Julho realizaram-se no Estádio da Base Naval de Lisboa, no Alfeite, os Campeonatos de Atletismo da Armada de 1973, a que concorreram as equipas do Grupo n.º 2 de Escolas da Armada, Direcção do Serviço de Armas Navais, Escola de Fuzileiros e o Centro de Educação Física da Armada.

Colectivamente venceu com indiscutível brilho o C. E. F. A.; individualmente distinguiram-se o 1.º-gr. FZM 1244/70, do C. E. F. A., vencedor de três concursos, e os 2.ºs-grumetes 2355/72, do G. 2 E. A., e 575/72, da E. F., vencedores de duas provas cada.

São campeões de 1973:

100 metros	2355/72/2.º-gr.	(G. 2 E. A.)	11,7 s
200 metros	2355/72/2.º-gr.	(G. 2 E. A.)	24,4 s
400 metros	1177/71/1.º-gr.	(C. E. F. A.)	53,5 s
800 metros	2635/70/Mar.	(E. F.)	2 m 00,8 s
1500 metros	575/72/2.º-gr.	(E. F.)	4 m 23,3 s
3000 metros	575/72/2.º-gr.	(E. F.)	9 m 27,7 s
5000 metros	1761/65/Mar.	(C. E. F. A.)	17 m 05,3 s
4 x 100 metros		(C. E. F. A.)	48,5 s
4 x 400 metros		(C. E. F. A.)	3 m 48,0 s
110 m barreiras	156/70/Mar.	(C. E. F. A.)	19,1 s
400 m barreiras	2720/69/Mar.	(C. E. F. A.)	1 m 03,0 s
Comprimento	1.º-sarg. Vences	(C. E. F. A.)	5,89 m
Altura	1079/72/1.º-gr.	(C. E. F. A.)	1,50 m
Vara	1244/70/1.º-gr.	(C. E. F. A.)	3,00 m
Triplo salto	1754/71/Mar.	(C. E. F. A.)	12,44 m
Peso	1244/70/1.º-gr.	(C. E. F. A.)	10,85 m
Dardo	1293/72/2.º-gr.	(C. E. F. A.)	35,00 m
Martelo	1725/70/Mar.	(G. 2 E. A.)	21,73 m
Disco	1244/70/1.º-gr.	(C. E. F. A.)	33,92 m

Classificação colectiva:

1.º – Centro de Educação Física da Amada	13 títulos	172,5 pontos
2.º – Escola de Fuzileiros	3 títulos	70 pontos
3.º – Grupo n.º 2 de Escolas da Armada	3 títulos	35,5 pontos
4.º – Direcção do Serviço de Armas Navais		8 pontos

CAMPEONATO DE VOLEIBOL DA ARMADA DE 1973

Terminou em Julho passado o Campeonato de Voleibol da Armada de 1973, tendo-se sagrado vencedor a equipa da Escola de Fuzileiros, que ganhou todos os jogos disputados, com a superioridade evidenciada pelos resultados obtidos: 3-0, contra o G. 2 E. A.; 3-0, contra o C. E. F. A., e 3-1, contra a Esquadrilha de Submarinos.

Classificação final:

	V	D	P
1.º – Escola de Fuzileiros	3	–	6
2.º – Esquadrilha de Submarinos	2	1	5
3.º – C. E. F. A.	1	2	4
4.º – G. 2 E. A.	–	3	3

Está, pois, de parabéns a Escola de Fuzileiros pelo êxito registado.

M. Horta
Sarg.-aj. L.

CAMPEONATO DE BASQUETEBOL DA ARMADA DE 1973

O Grupo n.º 1 de Escolas da Armada ao vencer o Comando de Segurança e Defesa do Edifício do Ministério da Marinha por 37-18 alcançou, só com vitórias, o título de campeão de basquetebol da Armada de 1973:

Classificação final:

	V	D	FC	P
1.º – G. 1 E. A.	5	–	–	10
2.º – C. S. D. M.	4	1	–	9
3.º – G. 2 E. A.	3	2	–	8
4.º – Escola de Fuzileiros	2	3	–	7
5.º – C. E. F. A.	–	5	–	5
6.º – Esq. de Submarinos	1	3	1	5

Parabéns ao G. 1 E. A. por mais esta vitória em campeonatos da Armada na presente época.

J. Fonseca
Asp.

saibam todos

Que o Museu de Marinha está aberto todos os dias, das 10.00 às 17.30, excepto nos feriados e nas segundas-feiras.

Que anexo ao Museu funciona o Planetário Calouste Gulbenkian, às quartas, sábados e domingos, com duas sessões por dia.

Que as sessões de quartas-feiras começam às 15.30 e 16.45 e, as de sábados e domingos, às 16.00 e 17.30.

Que tanto no Museu como no Planetário a entrada é grátis às quartas-feiras.

Que nos outros dias o preçário para entrada no Museu e no Planetário é o seguinte:

Museu:

Crianças de 8 a 15 anos ..... 1$50
Outros visitantes ..... 7$50
Crianças com menos de 8 anos, acompanhadas ... grátis

Planetário:

Crianças acompanhadas dos 6 aos 15 anos (inclusive) ..... grátis
Grupos culturais com visita previamente solicitada, cada pessoa ..... 2$50
Outros espectadores .....10$00

Que têm entrada grátis tanto no Museu como no Planetário: oficiais e sargentos dos quadros permanentes dos três ramos das Forças Armadas;
Oficiais e sargentos dos quadros de complemento da Armada prestando serviço efectivo;
Funcionários civis do Ministério da Marinha;
Membros civis das Comissões e Juntas integradas na estrutura orgânica do Ministério da Marinha;
Membros do Centro de Estudos de Marinha;
Bombeiros e outros elementos das Forças Armadas (nacionais e estrangeiras);
Sócios do Grupo Amigos do Museu de Marinha;
Sócios da Liga dos Combatentes;
Sócios da Cruz Vermelha;
Elementos da Marinha Mercante;
Pessoal da Fundação Calouste Gulbenkian;
Pessoas de família acompanhadas dos beneficiários atrás indicados.

Que foi inaugurada no Hospital da Marinha uma consulta de hipertensão arterial que tem lugar às sextas-feiras às 08.30; a esta consulta, destinada a casos especiais de hipertensão arterial, previamente seleccionados por critério médico, só poderão inscrever-se os doentes munidos de guia passada por médico naval.

Conversa entre Marinheiros

1934: promovido a guarda-marinha, fui destacado para a canhoneira «Zaire», em serviço de fiscalização da pesca na costa Norte. Chamavam aos navios deste tipo os «cruzadores de algibeira», não pelo seu tamanho, pois deslocavam apenas cerca de 400 toneladas, mas pelas suas linhas airosas, semelhantes às dos cruzadores autênticos.

Talvez para justificar tão pomposa alcunha, davam-se estes navios ao luxo de ter uma guarnição de 5 oficiais (um capitão-tenente, comandante; um segundo-tenente, imediato; dois guardas-marinhas em tirocínio e um segundo-tenente maquinista condutor), 7 sargentos e cerca de 50 praças!

Encontrei lá o nosso entrevistado de hoje, segundo-tenente SG Edmundo Pereira. Era então primeiro-artilheiro.

Nunca mais estivemos juntos em qualquer outro serviço mas nem eu me esqueci dele nem ele de mim, segundo afirma.

Não admira, por isso, que ao vermo-nos agora, volvidos trinta e nove anos, o nosso pensamento mútuo fosse este: «Como tu eras e como tu estás!...»

– Lembro-me perfeitamente de si, Edmundo. Era alto, magro, cabelo preto, alcaxa e manta de seda, sapatos a luzir... Dava gosto passar revista à guarnição da «Zaire». Nós, os oficiais, tínhamos orgulho em vocês.

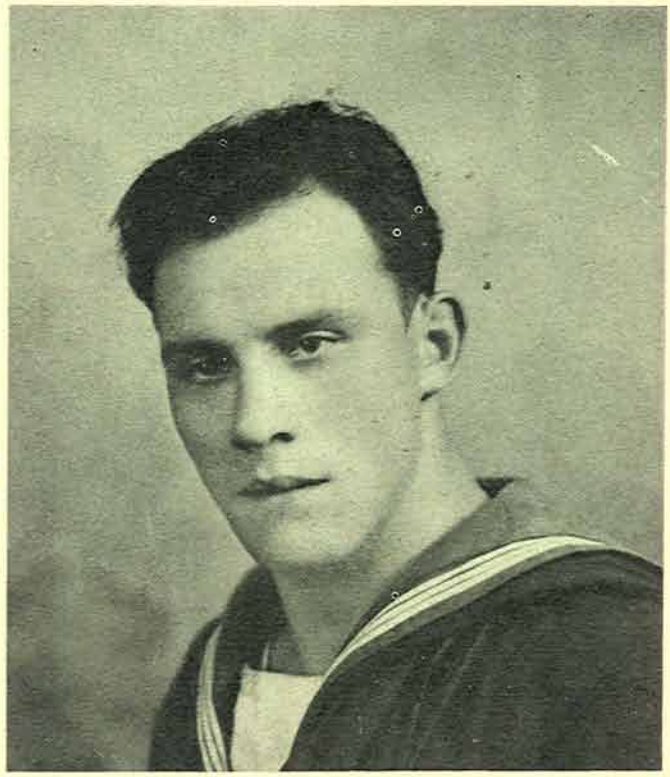
– Também eu me lembro do senhor guarda-marinha, perdão, do senhor comodoro. Era ainda mais magro que eu, e tinha uma cabeleira... que era um assombro!

«E também nós tínhamos orgulho nos nossos oficiais, pelo muito que se interessavam pelo serviço e por nós. «Aquilo a bordo era uma autêntica família, mais unida que muitas famílias de verdade. Vivíamos todos as alegrias de cada um, e quando havia sarilho ninguém se negava a safar a rascada... A Marinha naquele tempo era uma coisa bonita! Não quero dizer com isto que agora o não seja mas... é, pelo menos, diferente...

– Pois (creio que está na moda começar assim...) como pode ver na minha caderneta, nasci no Porto, na freguesia do Bonfim. Está aí registado tudo que diz respeito à minha vida profissional desde 13 de Janeiro de 1930, data em que fui aumentado ao efectivo do Corpo de Marinheiros da Armada, até 1 de Setembro de 1964, em que fui abatido «por ter sido promovido ao posto de subtenente do Serviço Geral com ingresso no quadro comum dos segundos-tenentes e subtenentes da classe do Serviço Geral». Como qualquer militar que se preza, tenho averbados louvores e condecorações, e o registo disciplinar está... limpinho! Nem um castigo!

«E olhe que não é fácil andar tantos anos à «chuva» sem apanhar uma «molha». Sobretudo quando se é novo e com o sangue na guelra, está-se sempre em «número baixo» para «dar a borda» e «afogar o remo».

«Embarquei em vários navios, naveguei em muitos mares, fiz serviço em unidades de terra, trabalhei como um moiro, estudei... mas cheguei a oficial, que é a coroa de glória de qualquer marujo. Como oficial, fiz serviço na Escola de Comunicações e actualmente na Escola de Artilharia, onde sou chefe dos Serviços Gerais e instrutor de várias disciplinas.



1930: como ele era...

1973: ... como ele é

Durante a visita presidencial à Escola de Armas Submarinas, cumprimenta Sua Excelência o nosso entrevistado

– Como vê, senhor comodoro, sou um marinheiro vulgar como há muitos. Limitei-me sempre a cumprir o meu dever o melhor que sabia e podia. E a verdade é que são os marinheiros vulgares como eu que fizeram e fazem a Armada...

«Não passei de segundo-tenente, apesar de ter feito o curso de marinheiro em número 5 entre 98, ter sido escolhido para a promoção a cabo subindo 7 furos, ter sido 3.º entre 18 no curso para sargento... Quando cheguei ao Curso Geral de Sargentos estava estafado e tinha 55 anos. É muito para ser estudante!

«E assim cheguei aos 60 e... passei à Reserva. Olhe, senhor comodoro, nem que queira não posso esquecer esse dia. Foi tão notável que até a terra tremeu (terramoto de 28 de Fevereiro de 1969)!

– Como e porque vim para a Marinha? Como vem a maior parte: por acaso.

«Eu era cortador de calçado numa fábrica no Porto quando fui chamado à inspecção militar. Fiquei apurado para artilharia de costa, que era a arma «dos mais fortes». No dia seguinte devia ir buscar o número do sorteio mas, o encarregado da oficina não deixou. Um amigo respondeu por mim e tirou o número um. E foi assim que cá vim parar.

«Como pode ainda ver na caderneta tinha nesse tempo 1,87 m de altura e 86 quilos de peso. Hoje tenho 1,90 m e peso 149 quilos. Cresci muito...

– Olhe, Edmundo, se não se importa, eu arredondo na Revista para 150 quilos...

– Não, não, senhor comodoro, são só 149... tenha paciência...

– E agora gostaria que nos contasse a sua vida como boxeur. **Sei que foi um grande campeão...**

– Pois (só mais este...) tinha eu 16 anos quando apareceu na «berra» um boxeur **de Ovar de nome José Santa, o «Camarão». Era um verdadeiro gigante. Basta dizer que media 2,02 m, pesava 120 quilos e calçava 51! Sei o tamanho do pé de fonte limpa, porque cortei vários pares de sapatos para ele...**

«Como eu também era bastante alentado, alguém se lembrou de me pôr a aprender os segredos da «nobre arte». Passei então a frequentar o ginásio do Sport Club do

Porto e a treinar com o «Camarão» e outros.
«Aos 17 anos estreei-me em público, efectuando depois vários combates em Portugal e em Espanha. Ganhei uns... perdi outros... dei e levei muita pancada, mas há uma coisa de que poucos se podem gabar como eu: nunca nenhum adversário atirou comigo ao chão, ou, em termos de boxe, nunca fui posto K. O.
«Em 1929 conquistei o título de campeão de Portugal da categoria de pesados, amadores, título que trouxe comigo para a «Briosa». Por esta razão eu era muito popular na Corporação, e todos me tratavam por «Camarão».
«José Santa, o «Camarão» autêntico, um grande amigo meu, era campeão da mesma categoria, dos profissionais. Levava, mas... ganhava dinheiro ao passo que eu... era de «borla»!

– Acabada a recruta, fui destacado para a canhoneira «Mandovi», em serviço no Norte, e comecei a jogar râguebi pelo Futebol Clube do Porto.
«Ainda sem saber nada daquilo, meteram-me num jogo contra o Boavista, informando-me que não tinha nada que saber... era uma questão de encontrões...
«Consegui agarrar o «melão» logo no princípio do jogo e disse para mim: «Já ninguém mo tira.»
«Nessa ideia, corri como um louco em direcção à linha de «touche». Um adversário atravessou-se para me barrar o caminho. Coitado... levou um «pinhão» que ia saindo do campo!
«Mas o árbitro entendeu que quem devia sair era eu e... saí mesmo... enquanto levavam o do «pinhão» para o posto médico...

– Em 1923-33, havia dois boxeurs americanos muito célebres: Jack Dempsey e Gene Tuney (este, por acaso, oficial da Armada). Fizeram dois combates um com o outro, tendo recebido cerca de doze mil contos!
«A propósito, certo dia, ia eu ao leme da velha «Mandovi», com aquele malfadado mar da costa Norte, e junto a mim o comandante do navio, o saudoso comandante João Pais, que todos tanto estimávamos. A certa altura, perguntou-me ele: «Ouve lá, «Camarão», se ganhasses aquele dinheiro todo o que é que fazias?»
«E eu, que já ia a fazer «bolinhas», como dizemos em gíria marinheira quando estamos quase a enjoar, respondi com um riso muito amarelo: «Olhe, senhor Comandante, sabe o que eu fazia? Comprava a «Mandovi» para fundear no Douro e não sair de lá...»

– Pois (também tenho direito a um pois...), amigo Edmundo, foi para mim um grande prazer ter tido oportunidade desta agradável conversa, na série das que venho tendo com gente do «botão de âncora». Digam o que disserem, os ares do mar, as noites de vigia na ponte, a ordem e disciplina de bordo, a convivência diária e constante com os camaradas de navio, o sentido das tradições, o orgulho da profissão e outros muitos factores que completam a estranha maneira de ser dos marinheiros fazem realmente que sejamos uma família... à parte. Não é verdade?
– Tão verdade que vou sentir saudades quando em breve for para casa descansar junto da mulher e da filha – que é dactilógrafa do Quadro do Pessoal Civil do Ministério da Marinha.
«Saio como entrei, com as mãos a abanar. A Armada não me deu dinheiro, é verdade, mas deu-me alguma coisa de muito importante: a honra de a ter servido.

M. do Vale
Com.

---

filatelia

I EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DA ARMADA

Se em alguns sectores qualquer dúvida existisse sobre o sucesso alcançado pela nossa Exposição, as apreciações e o veredicto do júri, que demorada e minuciosamente analisou as colecções expostas e que expressou em acta (que transcrevemos parcialmente), seriam bastantes para demonstrar que efectivamente em todos os aspectos – e tantos foram – a I Exposição Filatélica da Armada atingiu pleno êxito e marcou uma página brilhante no panorama da filatelia nacional.
Da referida acta transcrevemos: «Os membros do júri (...), e, resolveram por unanimidade proceder às seguintes classificações:
Clássica: 1.º prémio, ao senhor contra-almirante José Mexia Salema (quadros sete a dez); 2.º prémio, ao senhor segundo-sargento

B RA Fernando Ferreira Andrade (quadros um a três). Temática: 1os. prémios, aos senhores sargento-ajudante AES José Marques Curado, com felicitações do júri (quadros cinquenta a sessenta e três), e segundo-tenente SG Fernando Gama Brandão (quadros trinta e dois a quarenta e três); 2os. prémios, aos senhores mestre de primeira classe do Q. P. C. M. M. Luís António Marques (quadros setenta e dois a oitenta e quatro) e marinheiro A António Vieira Pinto (quadros cento e três a cento e nove); 3os. prémios, aos senhores cabo R Adérito Carlos Borges Alves (quadros vinte e sete a vinte e nove) e primeiro-sargento M Anselmo Gomes da Conceição (quadros quarenta e três a quarenta e nove).

«(...) o júri congratulou-se pela excelente apresentação geral deste certame, e ainda pelo nível atingido por parte das colecções expostas, algumas das quais constituíram positivas surpresas filatélicas.

«(...) mais resolveu o júri manifestar o seu agradecimento pela impecável organização da Primeira Exposição da Armada.»

Solicitámos ao consagrado filatelista Dr. Aníbal Alçada de Paiva, membro do júri, um apontamento crítico à nossa Exposição, tendo-nos enviado a seguinte nota:

«Nas comemorações do Dia da Marinha foi, pela primeira vez, este ano, integrada uma manifestação filatélica unicamente acessível às pessoas ligadas à Armada.

«Para quem não estivesse integrado na vasta divulgação da filatelia entre os homens do mar parecia uma realização votada ao insucesso.

«Felizmente, e com grande satisfação o afirmo, foi para mim e para a grande maioria das pessoas uma surpresa muitíssimo agradável.

«Os nossos bravos marinheiros não quiseram deixar os seus créditos por mãos alheias e, assim, mais uma vez, e exuberantemente, demonstraram que também em matéria filatélica tinham algo a dizer de muito válido.

«Bem andaram, pois, os organizadores desta exposição em terem levado avante tal empreendimento.

«Desejosos de aprender, procuraram a forma mais prática e rápida de obter os melhores resultados.

«Entusiasmando novos expositores, proporcionando a comparação com outras participações, estudo de selos, conhecimento de novas modalidades e trocas de impressões é incontestavelmente a fonte abundante para, quer em quantidade quer em qualidade, adquirir expositores e melhorar colecções.

«Por isso as exposições nunca são em demasia e devem ser sempre acarinhadas, a avaliar pelos resultados benéficos que trazem para a filatelia.

«Esta Exposição da Armada, embora sendo a primeira, por isso sem qualquer outra realização de onde já tivesse tirado experiência, constituiu passo ousado, mas que mereceu ser dado.

«O entusiasmo que despertou, seguido da surpresa que causou, rematando no êxito alcançado, deve ter sido grato aos seus organizadores que bem merecem que aqui fique devidamente vincado quanto são dignos dos nossos melhores agradecimentos pelo relevante serviço prestado à filatelia.

«E agora, que já foi transposto o velho Adamastor, ficamos a aguardar novos cometimentos no vastíssimo campo filatélico onde ainda tanto há por descobrir.»

Notas finais...

No posto de correio da Exposição foram recebidos, de vários pontos do País, algumas centenas de sobrescritos selados para serem obliterados com o carimbo comemorativo.

Também foram solicitados por filatelistas de diversos pontos do País sobrescritos comemorativos e catálogos da Exposição.

Foi calculado em alguns milhares o número de visitantes que percorreram a I Exposição Filatélica da Armada.

Os prémios concedidos, bem como os de comparticipação, serão distribuídos oportunamente.

G. Brandão
2.º-ten. SG

CURIOSIDADES

AS TÉCNICAS DO ESPAÇO AO SERVIÇO DOS PARAPLÉGICOS

Foi sobre este tema pouco comum que a sociedade de construções aeronáuticas Aérazur (França) deu uma conferência de imprensa com o fim de apresentar uma aparelhagem ortopédica revolucionária: prótese pneumática.

Durante o desenvolvimento dos estudos feitos para a execução

dos fatos espaciais (antiacção da gravidade), iniciaram-se os trabalhos de pesquisa da Aérazur, idealizados pelo Dr. Morel, cirurgião do Instituto Calot de Berck.

A ideia do doutor foi a seguinte: «Não se poderia tentar substituir as pesadas estruturas ortopédicas, sem nenhum progresso desde há anos, por uma espécie de 'esqueleto externo', em tecido leve e insuflável semelhante ao dos fatos dos cosmonautas ou dos mergulhadores?»

Esta sugestão foi imediatamente aceite pelo presidente da sociedade, Sr. Hatton, tendo-se constituído grupos de pesquisa para o efeito. Nestes grupos foram integrados, além de médicos, especialistas dos diversos campos técnicos da sociedade, como peritos têxteis e de material insuflável, aos quais não demorou que se juntassem os próprios paralíticos, com grande entusiasmo.

Um primeiro protótipo de prótese pneumática foi construído em 1965, depois de 3 anos de pesquisas e 3,5 milhões de francos obtidos de excedentes de verbas.

Mas foi ainda necessário vencer muitas dificuldades de todo o género para chegar aos dois modelos que hoje existem com possibilidade de 6 medidas cada.

Os rostos das crianças radiantes e surpresas de se poderem pôr de pé pela primeira vez na vida mostravam aos espectadores que se tratava duma evolução sensacional, num dos campos mais estagnados da terapêutica.

Após a projecção de um filme, os mais eminentes especialistas dos hospitais onde são tratados paraplégicos em estado grave (Berck, Poitiers, Garches e Instituto Nacional dos Inválidos) responderam animadamente às numerosas perguntas dos jornalistas, que assim ficaram a saber que não só a leveza das próteses pneumáticas (900 g em vez de 9 kg!) como também a facilidade com que se insuflam e se vestem permitindo ao doente pôr-se de pé sem ajuda, oferecia possibilidades de rápido progresso na reeducação e apresentava, tanto no campo fisiológico como psicológico, vantagens incalculáveis.

Também foram fornecidos muitos detalhes sobre os vários progressos de insuflação, número de equipamentos actualmente já em depósito e sobre prazos de entrega, assim como, no fim da conferência, foram indicados preços de custo (de 2 a 5 mil francos, conforme medida e modelo).

Nota: A sociedade francesa Aérazur, que se dedica a vários ramos (têxtil, mecânico, pneumático, electrónico, etc.), fornece a Marinha e a Força Aérea francesas em diversos sectores, pois fabrica entre outras coisas pára-quedas,

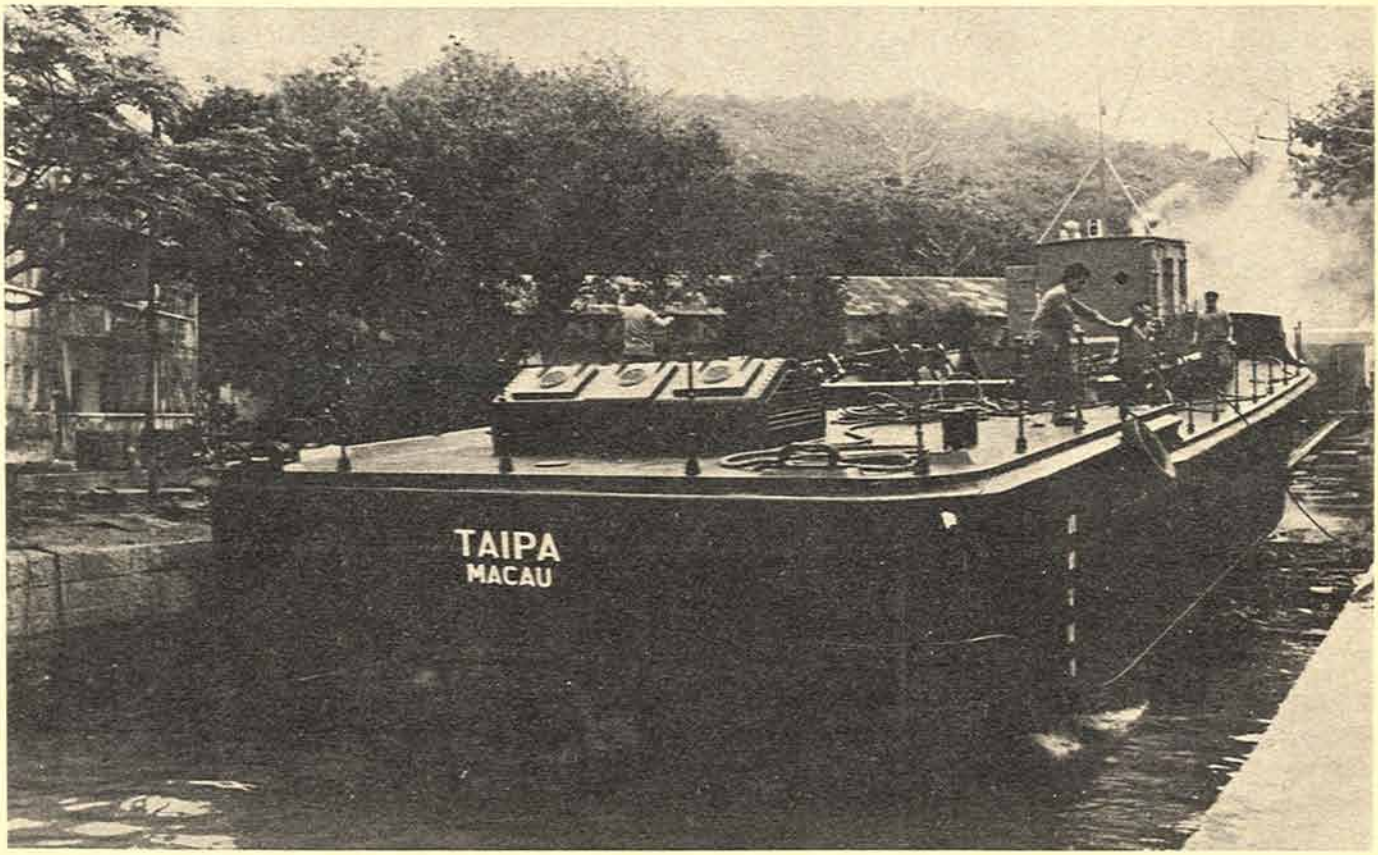
redes de paragem para aviões, coletes e jangadas de salvamento, bem como diversos materiais de segurança.

(In «Cols Bleus», n.º 1274, de Março de 1973)

reportagem

UMA NOVA DRAGA PARA OS SERVIÇOS DE MARINHA DE MACAU

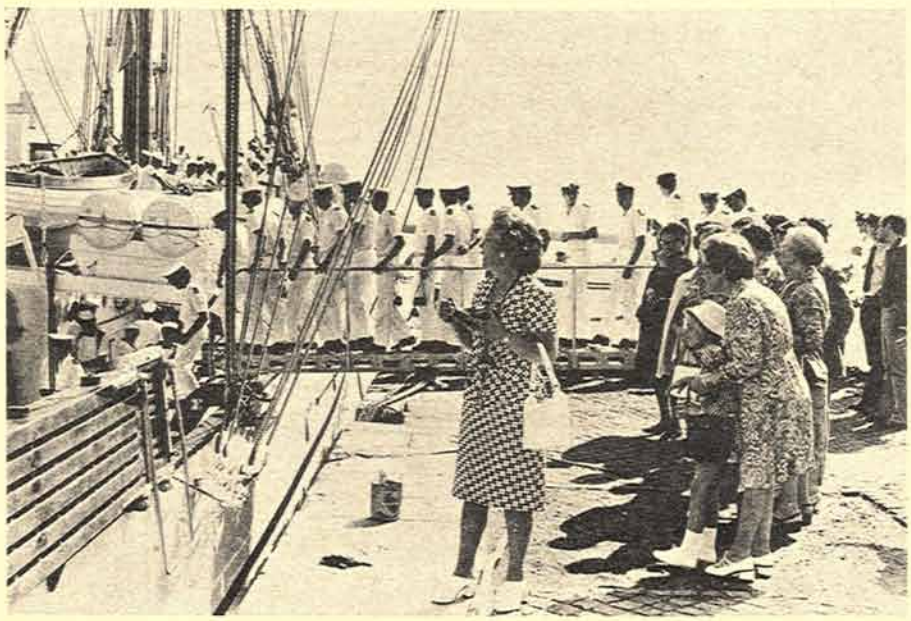
Construída pelas Oficinas Navais de Macau, foi recentemente lançada à água naquela província a draga «Taipa», que tem 25 metros de comprimento, 7,5 m de boca e 2,5 m de pontal. A draga, que está



equipada com aparelho motor «Rolls Royce» C6NFLM e terá uma grua de 2,5 toneladas, destina-se à Repartição dos Serviços de Marinha de Macau.

(Colaboração das Oficinas Navais de Macau e foto de Cham Meng Tim, mestre das O. N.M.)

A «SAGRES» PARTE EM VIAGEM DE INSTRUÇÃO



Largou no dia 18 de Junho, com 60 cadetes do 1.º ano da Escola Naval, do Curso Sacadura Cabral, o navio-escola «Sagres» sob o comando do capitão-de-fragata Ferreira da Costa, para a realização de uma viagem de instrução de duração aproximada de três meses.

O navio escalará os portos de Vigo, Havre, Hamburgo, Londres, Cowes (ilha de White) e Funchal, devendo regressar a Lisboa no fim do mês de Agosto.

A visita a Londres revestir-se-á de carácter oficial, inserindo-se no âmbito das comemorações do 6.º Centenário da Aliança Luso-Britânica, nas quais também tomará parte em nome da Marinha de Guerra Portuguesa o comandante da Escola Naval, comodoro Barahona Fernandes, que para o efeito ali se deslocará expressamente.

PEREGRINAÇÃO DA ARMADA A FÁTIMA

Organizada pelo Serviço de Assistência Religiosa da Armada realizou-se nos dias 16 e 17 de Junho a já tradicional peregrinação a Fátima.

Centenas de participantes, entre militares e familiares, em espírito de fé e penitência, ofereceram os seus sacrifícios e intenções pela Igreja e pela Pátria e de um modo especial pelos camaradas que as exigências do serviço colocaram em situações mais difíceis.

(Foto de António Henriques, cabo T)

CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA STANAVFORLANT

Pela primeira vez desde a criação da Força Naval Permanente do Atlântico, vai o cargo de chefe do Estado-Maior ser desempenhado por um oficial da Armada portuguesa.

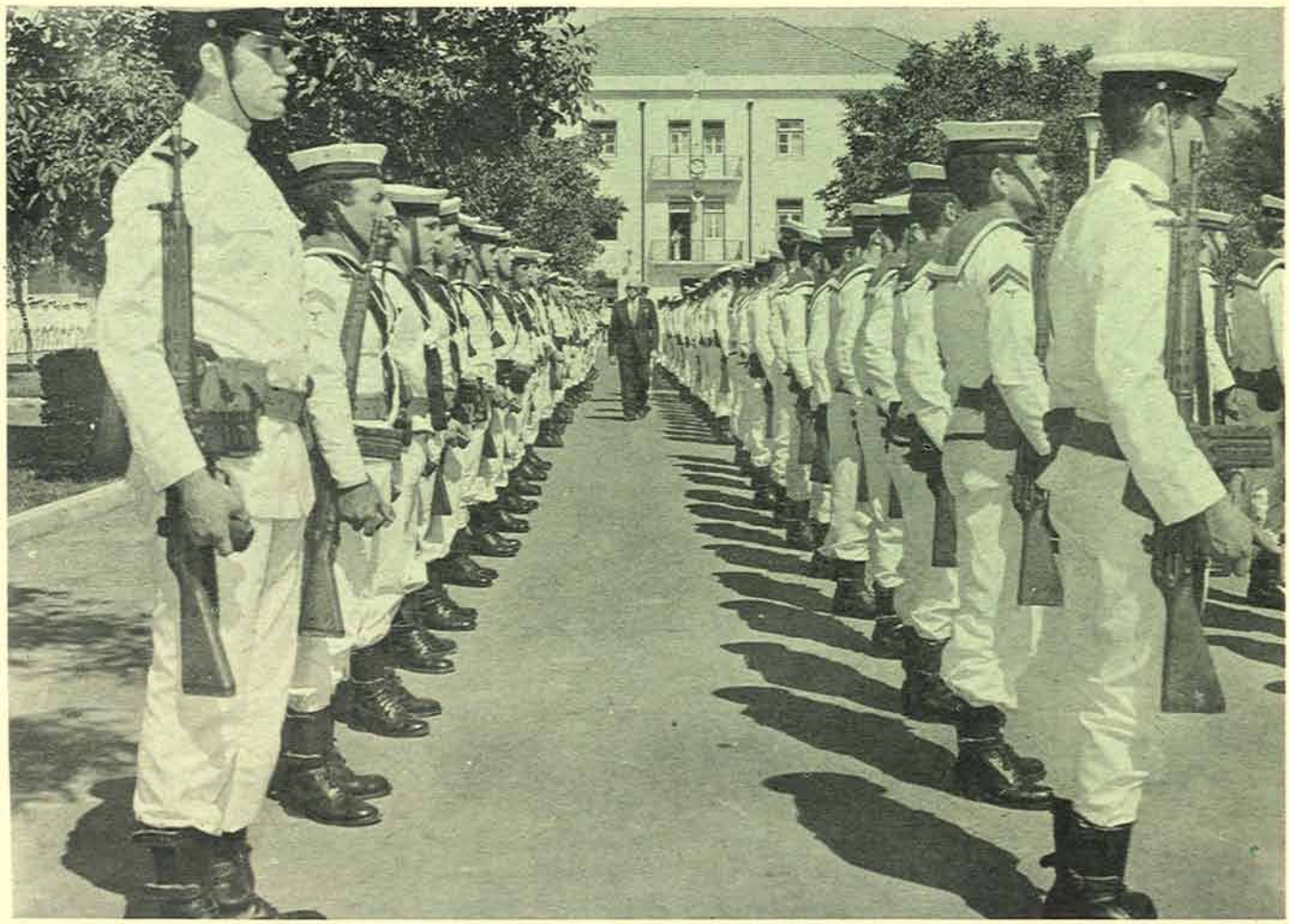
Trata-se do capitão-de-fragata Cardoso Tavares, que partiu já para Bristol a fim de assumir as suas novas funções.

NO CENTRO DE ESTUDOS DE MARINHA – «O FEITIÇO DA ASTRONÁUTICA E AS TRÊS DIVISAS DE D. MANUEL»

Sob a presidência do contra-almirante Sarmento Rodrigues, realizou-se no dia 20 de Junho nas instalações do Museu de Marinha, em Belém, uma sessão em que foi foi orador o Dr. Cortês Pinto que apresentou a comunicação intitulada «O Feitiço da Astronáutica e as três divisas de D. Manuel». Na mesa da presidência encontrava-se a professora Virgínia Rau, os capitães-de-mar-e-guerra Rodrigues dos Santos e Teixeira da Mota e o inspector superior Viriato Campos.

Entre a assistência, vários historiadores e jornalistas, oficiais generais e superiores dos três ramos das Forças Armadas, diversas individualidades e muitas senhoras.

O conferencista foi apresentado pelo professor Hernâni Cidade, que falou da personalidade e obra deste académico, após o que este apresentou a sua comunicação, que no final foi vibrantemente aplaudida.



JURAMENTO DE BANDEIRA DE NOVOS RECRUTAS

No Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, em Vila Franca de Xira, realizou-se no dia 20 de Junho a cerimónia do juramento de bandeira de 850 recrutas e voluntários que constituem a 2.ª incorporação do corrente ano. Presidiu o ministro da Marinha, que foi recebido à sua chegada pelo chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ferreira de Almeida; superintendente dos Serviços do Pessoal, contra-almirante Soares Branco; director do Serviço de Instrução, comodoro Rodrigues Alho; comandante da Unidade, capitão-de-mar-e-guerra Vosgien de Noronha, e por toda a oficialidade daquele grupo de escolas.

A exortação aos recrutas foi feita pelo 1.º-tenente RN Sousa Santos, após o que se distribuiram os prémios escolares aos alunos melhor classificados, findo o que foram lidos os deveres militares e a fórmula de juramento pelo 2.º-tenente SG Joaquim Aires e repetida por todos os recrutas que entoaram no final o hino nacional.

Depois do desfile do batalhão escolar, comandado pelo capitão-tenente Ferreira Pinto, os alunos exibiram-se em manejo de armas e exercícios de preparação física.

ASPIRANTES DA ESCOLA NAVAL EM VIAGEM DE INSTRUÇÃO

Quarenta e oito aspirantes do 2.º ano da Escola Naval, do Curso Almirante Campos Rodrigues, partiram no dia 25 de Junho de Lisboa em viagem de instrução que se prolongará até aos primeiros dias de Agosto.

Acompanhados por oficiais da Escola, foram distribuídos pelas fragatas «Comandante Roberto Ivens» e «Comandante Hermenegildo Capelo», constituindo uma força naval sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra Sousa Barbosa.

Os portos a visitar serão os de Porto Grande de S. Vicente, Santos, Rio de Janeiro, Baía, Belém e Funchal.

POSSE DO NOVO INTENDENTE DAS CAPITANIAS

Por ter passado à Reserva, o comodoro Malheiro do Vale deixou o cargo de intendente das capitanias. Sucedeu-lhe o comodoro Lopes Marques que assumiu as funções no dia 6 de Julho na presença do contra-almirante Paulino Pereira, director-geral dos Serviços de Fomento Marítimo. Compareceram à cerimónia muitos oficiais e funcionários civis daquela direcção.

COMEMORAÇÕES DO DIA DA MARINHA

Dado que o dia 8 de Julho coincidiu este ano com um domingo, as várias cerimónicas comemorativas da data repartiram-se pelos dias 8 e 9 daquele mês.

Assim, através de todo o País, decorreram vários actos festivos a assinalar a efeméride: no dia 8, embandeiramento de unidades navais e estabelecimentos dependentes do Ministério, regatas de vela na Póvoa do Varzim organizadas pelo Clube Naval Povoense e salva de 21 tiros pelos navios de guerra no Tejo; o ministro da Marinha efectuou uma visita aos feridos e acidentados no Ultramar internados no Hospital da Marinha, inteirando-se do seu estado de saúde e caso particular de cada um, tendo a todos deixado lembranças. Na tarde do dia 8 realizaram-se ainda regatas de

vela no Tejo para várias classes de embarcações, frente às instalações da Associação Desportiva da Brigada Naval; à noite, os estabelecimentos do Ministério e os navios iluminaram de gala.

No dia 9, foram impostas condecorações a vários elementos das marinhas de guerra, comércio, pesca e recreio, assim como a entidades civis que se distinguiram contribuindo de modo relevante para o engrandecimento e prestígio da Marinha; estas cerimónias decorreram no gabinete do chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ferreira de Almeida, que também assistiu às condecorações efectuadas a elementos da Armada pelo ministro da Marinha; na Escola Naval, Grupos n.º 1 e 2 de Escolas da Armada e Escola de Fuzileiros. O ministro da Marinha fez a atribuição da medalha naval de «Vasco da Gama» e no Instituto de Socorros a Náufragos foram premiados com a medalha de coragem, abnegação e humanidade vários patrões, motoristas e sota-patrões de embarcações salva-vidas.

Entretanto, nos comandos navais e de defesas marítimas das ilhas adjacentes e do ultramar, decorreram cerimónicas idênticas comemorativas desta data.

COMEMORAÇÕES DO DIA DA MARINHA EM LUANDA

Diversos acontecimentos marcaram o dia 8 de Julho em Luanda, em comemoração da efeméride. Assim, além de uma missa celebrada na Igreja da Senhora do Cabo por intenção dos Homens do Mar, o contra-almirante Silveira Borges, comandante Naval, depôs uma coroa de flores no monumento a Vasco da Gama, após o que fez imposição de condecorações no edifício do Comando Naval.

Houve também regatas de vela na baía, em frente às instalações navais da Ilha do Cabo, iluminando de gala, à noite, os navios e estabelecimentos das marinhas de guerra, comércio, pesca e recreio.

(Colaboração do cap.-ten. AN Caeiro Junça)

COMEMORAÇÕES DO DIA DA MARINHA EM CABO VERDE

No passado dia 8 de Julho, nas Instalações Navais da Ribeira de S. Julião, em S. Vicente, decorreram as cerimónias comemorativas do Dia da Marinha, a que presidiu o comandante Naval de Cabo Verde, contra-almirante Fragoso de Matos, e esteve presente o comandante Militar além de outras entidades civis e militares.

Foram impostas condecorações a diversos militares pelas individualidades presentes.

Os navios das marinhas de guerra e de comércio fundeados ou atracados no cais embandeiraram em arco.

(Colaboração do 1.º-gr. C n.º 2221/71, Abílio Gomes)

I EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DA ARMADA

Sua Excelência o Presidente da República inaugurou no dia 25 de Julho a exposição filatélica que a «Revista da Armada» organizou, integrada nas comemorações do Dia da Marinha do corrente ano.
A receber Sua Excelência o Chefe do Estado encontravam-se o ministro da Marinha; o secretário de Estado da Informação e Turismo; o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ferreira de Almeida; o director da «Revista da Armada», comodoro Malheiro do Vale; o correio-mor, engenheiro Carlos Ribeiro, e o director-geral da Cultura Popular e Espectáculos, Dr. Caetano de Carvalho. Vários oficiais da Armada, outras entidades e muito público aguardavam a hora da abertura do certame a que concorreram 23 coleccionadores, reunindo mais de uma centena de quadros que o júri apreciou devidamente e classificou.
Sua Excelência o Presidente da República percorreu atenta e demoradamente a exposição interessando-se pelas colecções apresentadas, algumas delas de alto valor, conversando com todos os expositores e felicitando-os pelo êxito da iniciativa.

A CORVETA «ANTÓNIO ENES» ASSISTE UM NAVIO GREGO

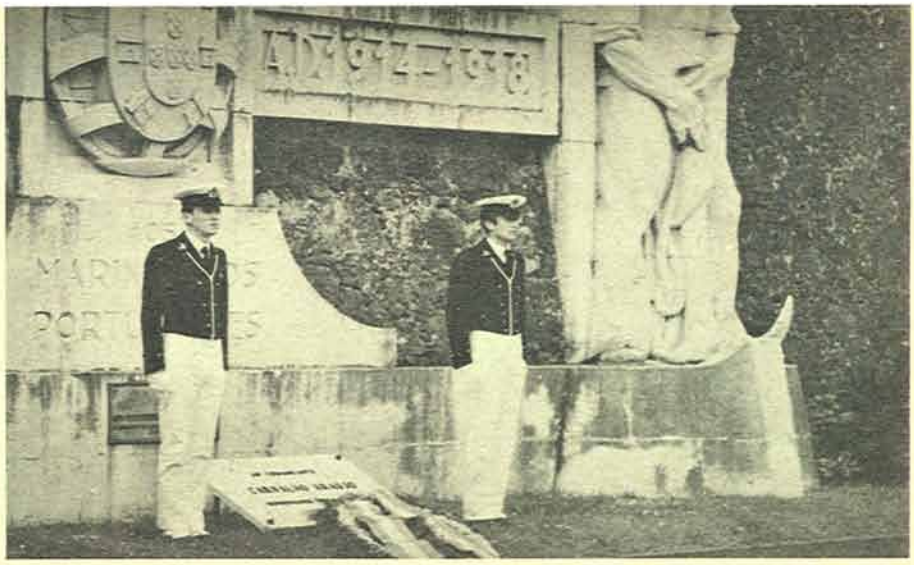
Em 16 de Julho, a corveta «António Enes» do comando do capitão-tenente Moreira Rato, em serviço nas águas de Cabo Verde, prestou assistência médica e transportou para o porto de S. Vicente o capitão do navio mercante grego «Vasos Georgiadis» gravemente doente com uma hemorragia no estômago e em estado de coma.
Assistido pelo médico do porto e transportado numa ambulância que o aguardava no cais, foi o capitão do navio posteriormente entregue ao Serviço de Saúde de S. Vicente, encontrando-se livre de perigo.

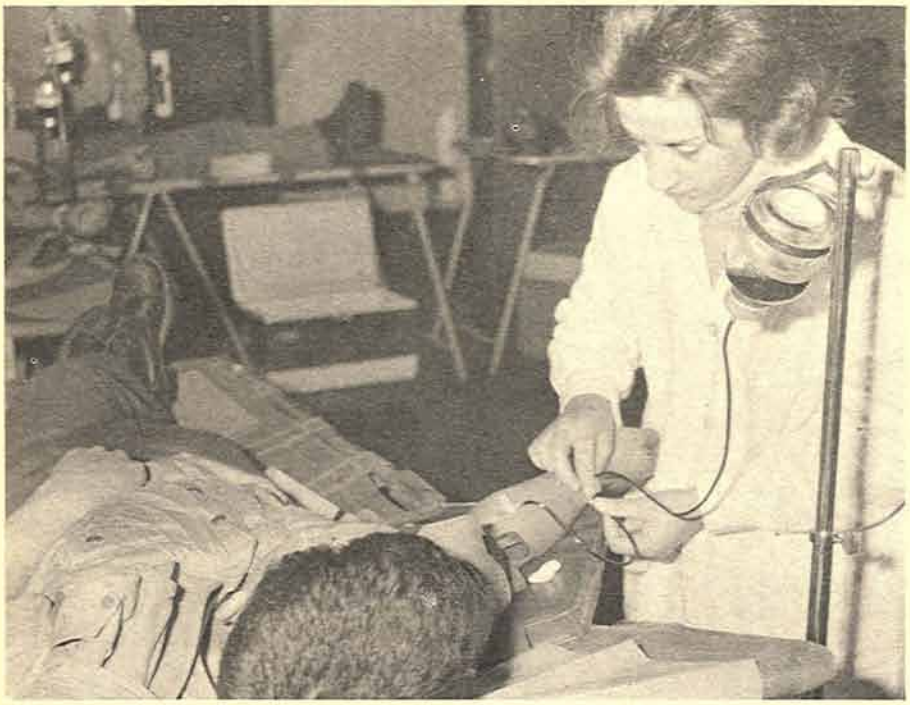
MARINHEIROS ITALIANOS EM PONTA DELGADA

Em viagem de instrução de cadetes, esteve no porto de Ponta Delgada, de 16 a 20 do passado mês de Julho, o contratorpedeiro da marinha de guerra italiana «San Giorgio», que navega sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra Enrico Pasquinucci.
Do programa da estadia estabelecido pelo Comando Naval dos Açores em colaboração com o agente

consular da Itália, destacou-se o seguinte: visitas protocolares às autoridades civis e militares, um almoço e um *cocktail* oferecido pelo comandante Pasquinucci, uma conferência de imprensa, homenagem aos Marinheiros Portugueses mortos na I Guerra Mundial e um passeio oferecido pelo Comando Naval, com almoço no Hotel das Furnas.

(Colaboração de Carlos Manuel Pacheco da Silva Estrela)

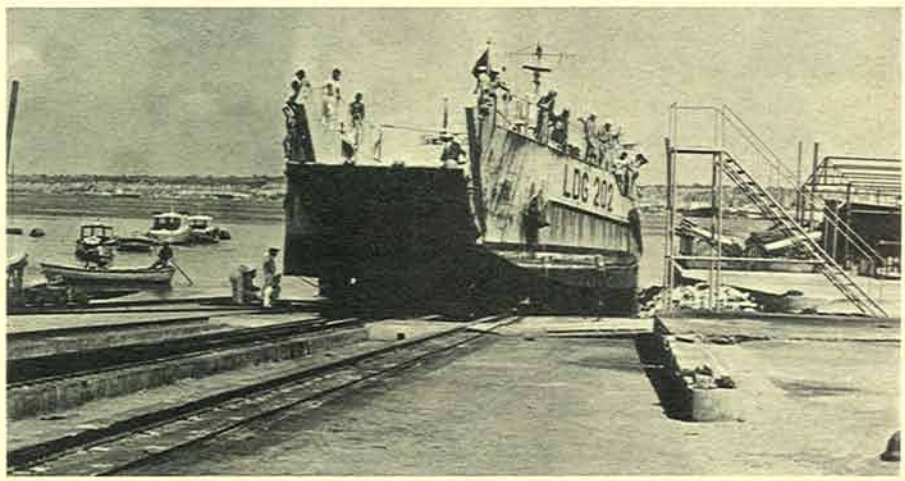




DAR SANGUE É DAR VIDA!

A este apelo do Instituto Nacional de Sangue, novamente responderam com a sua presença mais de quatrocentos marinheiros do Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, onde uma brigada daquele Instituto se manteve durante três dias. Os sentimentos de humanidade e o altruismo demonstrados atestam o tradicional interesse e carinho que os marinheiros dispensam aos que sofrem.

OFICINAS NAVAIS DE LUANDA – MAIOR CAPACIDADE DE ALAGEM



Terminados os trabalhos de transformação do plano inclinado das Oficinas Navais de Luanda, a fim de aumentar a sua capacidade de alagem, foi alada para beneficiação de obras vivas a LDG «Alabarda», que efectuou a prova da boa execução daquelas obras de transformação.

Deste modo, os novos limites de capacidade de alagem do plano inclinado das Oficinas Navais de Luanda passam a ser de: comprimento fora a fora (máximo), 60 metros; boca (máximo), 12 metros; calado (máximo normal), 4,2 metros e (máximo em marés escolhidas), 5 metros; deslocamento na condição de alagem (máximo), 600 toneladas; carga específica por metro de comprimento (máximo), 20 toneladas.

(Colaboração do cap.-ten. AN Caeiro Junça)

quarto de folga

EM SERVIÇO, PAGA...

A bordo de uma unidade da nossa Armada, em comissão de serviço algures no Atlântico, à hora da refeição, na câmara dos oficiais, havia o mau costume de se falar muito em coisas do serviço.

O Imediato, de maneira amena, ia reprovando o costume, fazendo esforços construtivos para terminar com tal vício.

Os seus esforços porém não tinham grandes ou nenhuns resultados positivos.

Volta e meia, a despeito da sua reprovação velada, um ou outro oficial estragava a digestão e o ambiente, trazendo à baila o indigesto de uma conversa sobre serviço.

Como visse que, com o que tinha tentado, pouco ou nada conseguia, teve a ideia de fazer pagar multas de bebidas a todo aquele que prevaricasse, falando em coisas de serviço.

A coisa deu um resultadão porque até trouxe ao ambiente uma dose de alegria e gozo, que até ali ainda não se tinha alcançado.

Todos passaram a estar com atenção ao que se dizia e, mal alguém «pisava o risco», logo o que o notava exclamava.

– Paga, falou em serviço!

Havia até casos em que, um ou outro oficial, entusiasmado com o que tinha a dizer, antes de o fazer, avisava logo:

– Eu pago a multa, mas deixem-me dizer esta...

A certa altura, como é natural, quase todos os oficiais tinham pago multas.

Notou-se então que entre os que não tinham pago, estava o Capelão e formou-se uma autêntica conjura para se estar atento ao senhor a fim de o fazer pagar.

Mas, a despeito do especial cuidado que se passou a ter para apanhar o bom capelão em falta, a verdade é que ele não havia maneira de trazer à baila qualquer assunto do seu serviço. Desesperava-se de apanhar o padre e tal facto fazia redobrar o interesse da graça de o apanhar.

Foi então que se deu esta coisa espantosa.

Dialogava o bom padre ao almoço com um oficial qualquer e, a meio da conversa, começava uma frase sua, dizendo:

– Mas, valha-me Deus...

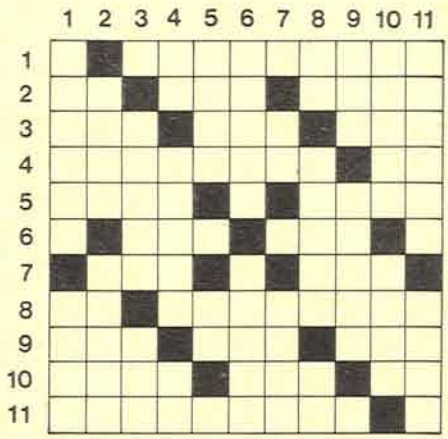
– Pronto, falou em serviço – atalhou um oficial prontamente, arrancando a todos as mais francas gargalhadas, por compreenderem a graça da intenção.

Era padre ao serviço de Deus... falava em Deus... falara em serviço...

Para ser multado... chegava.

Capt. Zuzara

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 – Células que originam por multiplicações sucessivas e diferenciações os elementos sexuais. 2 – Pronome demonstrativo; ente; forma do verbo ser. 3 – Flexão feminina de no (pl.); mau cheiro; muito. 4 – Relativo à trólea; artigo pl. 5 – Substância simples que é um metalóide pardo-azulado; marca de máquina de costura. 6 – Para barlavento; transpiro. 7 – Apêndice membranoso de alguns insectos e peixes; Navio da República Portuguesa. 8 – Consoante dobrada; tornar a secar. 9 – Espaço de tempo; o mesmo que pau ferro (inv.); o mesmo que la (ainda usado em Trás-os-Montes). 10 – Compositor e maestro dinamarquês; título que os Maronitas dão aos seus bispos; símbolo químico de átomo. 11 – Casual.

VERTICAIS. 1 – Povoação e freguesia do conc. e comarca de Fafe; qualquer lenda escandinava. 2 – Curo; próprio de asno. 3 – Óxido de sódio (pl.); composição poética. 4 – Pronome demonstrativo (pl.); colarinho; duas letras de pear. 5 – Apelido de artista de cinema; pronome pessoal. 6 – Calcules; língua ou faixa de terra estreita. 7 – Em partes iguais; fechar as asas. 8 – Letra do alfabeto (pl.); agrupa; graceja. 9 – Possui; apelido de célebre escritor espanhol. 10 – Constelação do hemisférico austral; engaste. 11 – Peralta (pl.); ratazana.

Depois de resolvido este problema, nele encontrará o nome de um navio de guerra português.

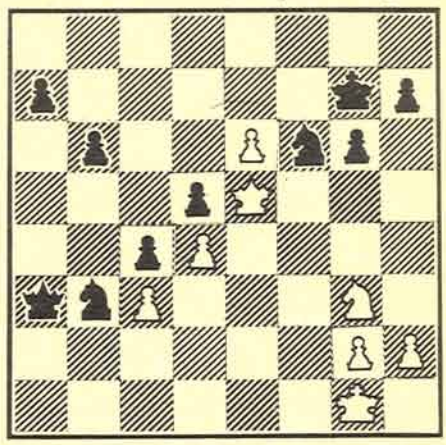
Carmo Pinto

(Solução na pág. 34)

1.º-sarg. H

XADREZ

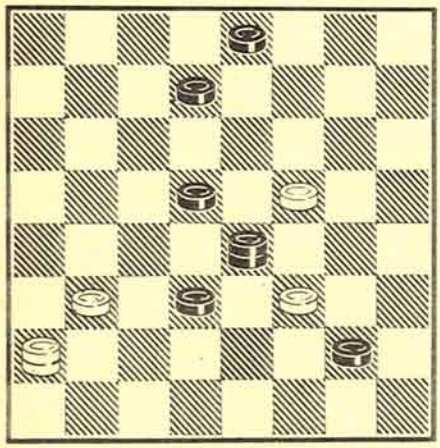
(Solução na Pág. 34)



As brancas jogam e ganham:

DAMAS

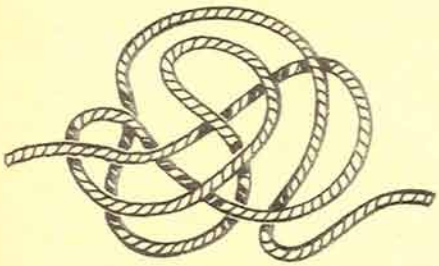
(Solução na pág. 34)



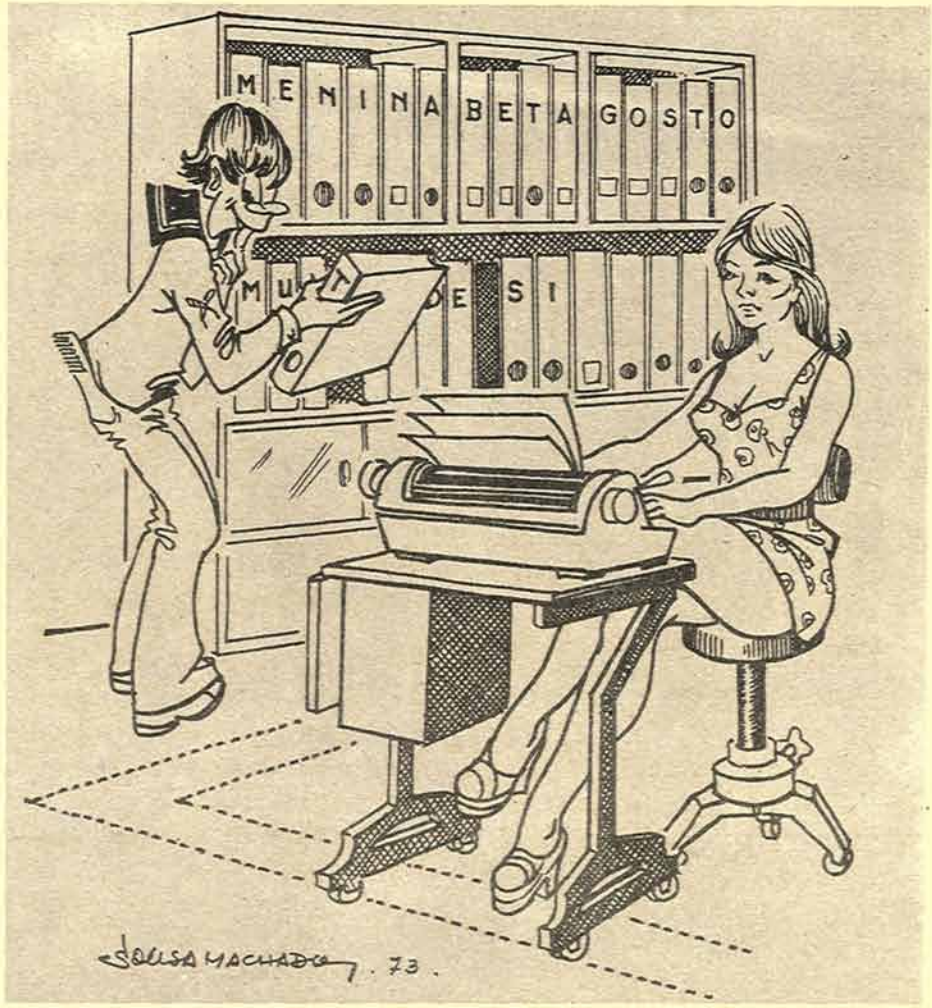
Jogam as brancas e ganham:

CONCURSO N.º 24

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.



Puxando pelos chicotes deste cabo solteiro ele dará o nó ou não?



O ESCRITURÁRIO TÍMIDO

PUZZLE N.º 2

Provérbio popular:

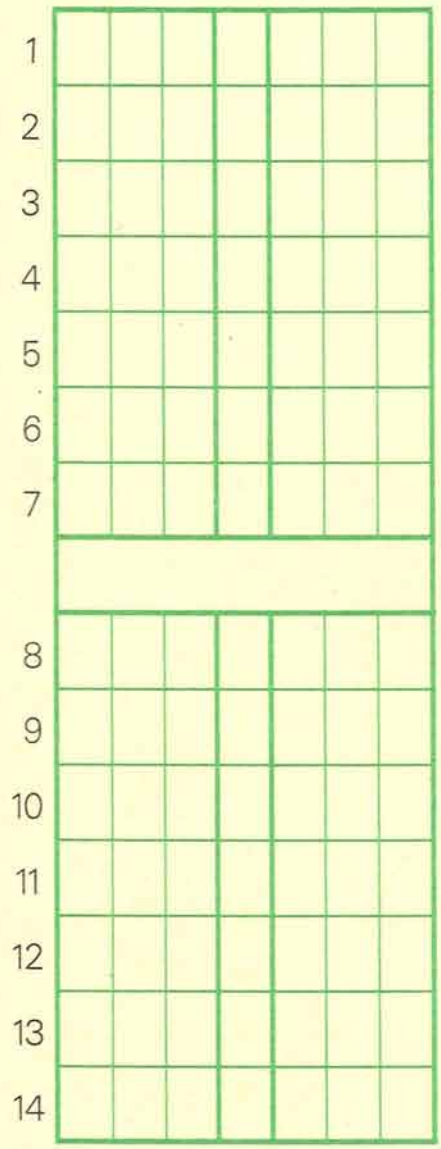
D 1	E 2	A 3	F 4	⚓	E 5	B 6	E 7	B 8	⚓
G 9	C 10	G 11	I 12	A 13	⚓	I 14	F 15	⚓	⚓
⚓	A 16	H 17	E 18	⚓	⚓	I 19	J 20	B 21	E 22
D 23	F 24	⚓	B 25	C 26	D 27	⚓	H 28	A 29	G 30
⚓	G 31	G 32	G 33	A 34	H 35	⚓	I 36	D 37	⚓
⚓	⚓	F 38	B 39	B 40	F 41	G 42	⚓	⚓	⚓

A – Nome de mulher	16 34 13 3 29
B – Reservatório de água	21 6 40 25 39 08
C – Sem roupa	10 26
D – Temor	1 27 23 37
E – Nascer do dia	2 7 5 22 18
F – Maneiras	38 24 41 15 4
G – Pedaços	31 42 33 9 11 32 30
H – Contracção de preposição com artigo plural	28 17 35
I – Caminha	12 14 36 19
J – Cinquenta (Rom)	20

A. Chuquere
Cap.-frag.

(Solução na pág. 34)

PILHA DE PALAVRAS



1 – Início. 2 – Padrão. 3 – Epigeno. 4 – Desenho. 5 – Brada. 6 – Chumaço. 7 – Louvor. 8 – Enfunar. 9 – Acesso. 10 – Resumo. 11 – Apreciar. 12 – Gabar. 13 – Cingir. 14 – Calafetar.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central, o leitor encontrará o nome de um escritor português. Este passatempo apresenta a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «E».

Basto Carreira
Cap.-m.-g. RF

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Gonocitos. 2 – Os; ser; será. 3 – Nas; aca; mil. 4 – Troclear; os. 5 – lodo; Elna. 6 – Alo; suo. 7 – Asa; NRP. 8 – SS; ressecar. 9 – Ano; uti; ala. 10 – Gade; Mar; AT. 11 – Aleatório.

VERTICAIS: 1 – Gontim; saga. 2 – Saro; asnal. 3 – Sodas; ode. 4 – Os; colar; ea. 5 – Neal; eu. 6 – Orces; istmo. 7 – Aa; siar. 8 – Is; reune; ri. 9 – Tem; Lorca. 10 – Orion; pala. 11 – Salsas; rata.

(N. R. P. «Orion»)

PROBLEMAS PARA ENTRETER

1 – Seis horas. As 49 pontas formam sete cigarros, mas de cada cigarro fica uma ponta. Assim o vagabundo tem um cigarro adicional e portanto oito cigarros ao todo.
Sabendo-se que ele fuma um cigarro cada três quartos de hora, o abastecimento dar-lhe-á pois, para 6 horas.

2 – Metade da extensão do bosque. Depois corre já para fora do bosque.

3 – Uma das pessoas fica com o cesto... que contém uma maçã.

4 – Uma hora e vinte minutos são exactamente 80 minutos.

F. Bastos
2.º-Gr. RM E

PUZZLE N.º 2

Mais vale andar no
Mar alto do que nas
Bocas do mundo

PILHA DE PALAVRAS

1 – Estreia. 2 – Estalão. 3 – Epimeno. 4 – Estampa. 5 – Exclama. 6 – Enchido. 7 – Encómio. 8 – Encopar. 9 – Entrada. 10 – Epitome. 11 – Estimar. 12 – Elogiar. 13 – Ensacar. 14 – Estopar.

(Ramalho Ortigão)

DAMAS

BRANCAS
1 . 5f – 6e
2 . 3b – 4c
3 . 2a x 4c x 1f x 3h x 7d
4 . 3f x 5d x 7b

PRETAS
7d x 5f
5d x 3b
8e x 6c

XADREZ

1.	Ch 5/Ch	P x C
2.	Dg 5/Ch	Rf 8
3.	D x C/Ch	Rg 8
4.	P e7	Dc1/Ch
5.	R f2	Dc2/Ch
6.	R g3	Dd3
7.	R h4	Dc4/Ch
8.	R x h5	De2/Ch
9.	R h4	De4/Ch
10.	P g4	De1/Ch
11.	R h5	Abandonam

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 22

Não é possível, visto que quando a moeda foi cunhada não se sabia que Cristo nasceria daí a 90 anos.

VENCEDOR: Fernando Rodrigues Martins, aluno artífice electricista n.º 2143/72.

O ECLIPSE DE 30 DE JUNHO em Cabo Verde

A observação dos astros não é, na actividade dum planetário, senão tarefa complementar.

Um grande número de planetários mantém em funcionamento modestos observatórios que na maioria dos casos se destinam a proporcionar ao público a oportunidade de aí, «ao vivo», poder contemplar o céu.

Não sendo o planetário um centro de pesquisa astronómica, não está porém desligado dos acontecimentos celestes.

Nas suas sessões indicam-se com frequência as posições dos astros em melhores condições de observação, passagens de cometas, eclipses, etc.

Por motivo das condições excepcionais de ocorrência do eclipse total do Sol do passado dia 30 de Junho em território nacional, a direcção do Planetário Gulbenkian propôs o deslocamento dum dos seus técnicos a S. Vicente de Cabo Verde, cabendo ao signatário a observação visual e fotográfica do fenómeno.

Houve que, em curto espaço de tempo, aprontar o mínimo de aparelhagem indispensável, procurando seleccioná-la com critério. Para isso bem proveitosos foram, agora, os ensinamentos do grande mestre e primeiro director deste Planetário, o ilustre astrónomo comandante Eugénio Conceição Silva, com quem tivemos a honra de trabalhar ao longo de 12 anos.

Após a chegada a S. Vicente muito restava ainda fazer, por não ter sido possível transportar por via aérea, devido ao seu volume e peso, todo o material necessário.

Ao recorrer ao Comando Naval de Cabo Verde, que nos acolheu com o maior interesse e amabilidade, imediatamente todas as dificuldades e problemas foram atendidos e foram achadas soluções no mais breve espaço de tempo.

Assim, uma base de aço e cimento pôde estar concluída a tempo. Da mesma forma que no terraço do edifício do Comando Naval foi possível construir um abrigo para os aparelhos poderem ser instalados.

Na véspera, tudo estava em ordem. Restava agora aguardar que as condições de tempo não piorassem, embora o boletim meteorológico não fosse nada animador.

Na madrugada do dia 30, bancos de nuvens densas desfilavam pelo firmamento, quase sem interrupção, nada fazendo prever uma melhoria das condições de visibilidade.

Precisamente às 7 h 11 m 49 s, conforme estava previsto, iniciou-se o eclipse, enquanto um tecto baixo com algumas abertas ia permitindo acompanhar o fenómeno.

O acontecimento foi também observado por oficiais e aspirantes da Escola Naval, em viagem de instrução, que no momento se encontravam em Cabo Verde.

O contra-almirante Fragoso de Matos mostrou vivo interesse por tudo quanto lhe foi dado observar.

A fase mais importante do eclipse, início da totalidade, estava próxima, pois pouco faltava para a hora indicada: 8 h 21 m 17 s.

Um crescente de Sol, cada vez mais fino, começava a emprestar à paisagem um aspecto irreal. Escurecia repentinamente, e, apesar de todos sabermos que assim ia acontecer, algo de solene se sentia. Todos se calaram. Cada um procurava reter o melhor possível as imagens que desfilavam perante os seus olhos.

Por simples mas feliz acaso, na ocasião de maior interesse, a visibilidade era razoável; havia por isso que aproveitá-la para tirar o máximo de fotografias; e aquilo que para nós poderia ter sido um dos acontecimentos de maior beleza, e quem sabe se único na vida, transformou-se num ritmo febril de números de diafragmas, de tempos de exposição, de contagens e disparos ininterruptos, para que nada se perdesse, para que fotograficamente o eclipse pudesse resultar.

Assim, os dois minutos e cinquenta segundos passaram-se tão rapidamente que nos pareceu ilusão avistar novamente o Sol.

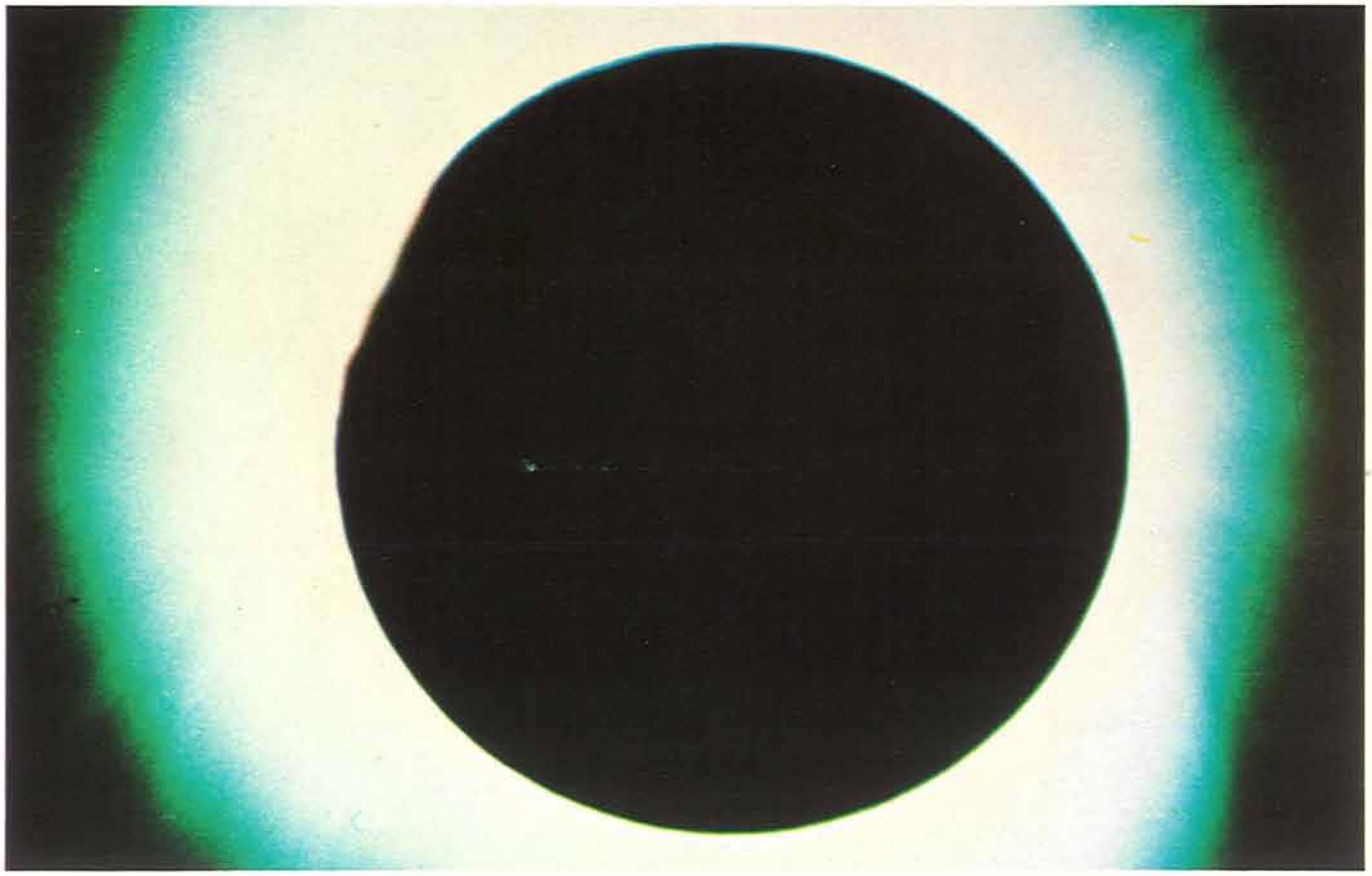
Devemos acrescentar que foi necessário recorrer à luz duma lanterna para poder continuar a trabalhar, de tal maneira escureceu durante a totalidade.

Por tudo isto, só mais tarde, já em Lisboa, com o material revelado e perante a projecção dos diapositivos, nos foi possível ver um fenómeno que tantos milhares de milhas fizera percorrer e do qual, na verdade, bem pouco víramos.

Na cidade do Mindelo as luzes foram acesas. Não teria sido talvez necessário fazê-lo, pois o bulício da vida poderia ter parado por três minutos, para que se pudesse desfrutar melhor um acontecimento como aquele. Mas, a título de curiosidade, foi original.

A impressão que o eclipse causou na população local foi de viva emoção, e motivo de todas as conversas nos dias seguintes.

Início da totalidade. Pelo bordo da Lua filtra-se a luz do Sol, dando este aspecto a que se chama anel de diamante



Aspecto da coroa solar durante a totalidade

Apenas uma minoria de pessoas menos instruídas viu no acontecimento motivo de receio. Houve até quem se fechasse em casa receando o pior, perdendo desta maneira uma visão única nas suas vidas.

O interesse que o eclipse despertou registou-se numa grande procura de tudo que pudesse servir de filtro para observação, desde chapas fotográficas veladas a vidros fumados.

Consta que houve quem fizesse bom negócio à custa do eclipse. Assistimos a uma cena pitoresca em que pai e filho olhavam o Sol através duma radiografia aproveitando as zonas escuras; com elas terão com certeza acabado por construir os seus filtros.

Na manhã do eclipse, por toda a cidade, milhares de pessoas procuraram os pontos altos; terraços, varandas e telhados estavam cheios; ninguém pretendia perder o espectáculo, único para a maioria deles, certamente.

Procurámos com esta modesta descrição tentar dar ideia do que foi o acontecimento; as fotografias juntas, no entanto, poderão melhor do que nós satisfazer a curiosidade.

Joaquim Garcia
Conferencista-demonstrador do Planetário Gulbenkian